Senhorita Therezinha Brandão

CONFISSÕES DE UMA VIUVA MOÇA

I

Ha dois annos tomei uma resolução singular: fui residir em Petropolis, em pleno mez de Junho. Esta resolução abriu largo campo as conjecturas. Tumesma, nas cartas que me escreveste para aqui, deitaste o espirito a adivinhar e figuraste mil razões, cada qual mais absurda.

A estas cartas, em que a tua solicitude trahia a um tempo dois sentimentos, a affeição da amiga e a curiosidade de mulher, a essas cartas não respondi e nem podia responder. Não era opportuno abrir-te o meu coração nem desfiar-te a serie de motivos que me arredou da capital, onde as recitas do Municipal, as festas encantadoras em casa do primo Barroso deviam distrahir-me da recente viuvez.

Esta circumstancia de viuvez recente acreditaram muitos que fosse o unico motivo da minha fuga. Era a versão menos equivoca. Deixei-a passar como todas as outras e conservei-me em Petropolis.

Logo no verão seguinte vieste com teu marido para cá, disposta á não voltares sem levar o segredo que eu teimava em não revelar.

A palavra não fez mais do que a carta. Fui discreta como um tumulo, indecifravel como a Sphynge.

Depuzeste as armas e partiste.

Desde então não me trataste senão por tua Sphynge.

Era Sphynge, era. E se, como Edipo, tivesse respondido ao meu enigma a palavra "homem" descobririas o meu segredo, e desfarias o meu encanto.

Mas não antecipemos os acontecimentos, como se diz nos romances.

E' tempo de contar-te este episodio da minha vida.

Quero fazel-o por cartas e não verbalmente. Talvez corasse de ti. Deste modo o coração abre-se melhor e a vergonha não vem tolher a palavra nos labios.

Repara que eu não falo em lagrimas, o que é um symptoma de que a paz voltou ao meu espirito.

As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o effeito de um folhetim de periodico semanal. Dou-te a minha palavra de que has de gostar e aprender.

Oito dias depois da minha ultima carta irei abraçar-te, beijar-te, agradecer-te. Tenho necessidade de viver.

Estes dois annos são nullos na conta de minha vida: foram dois annos de tedio, de desespero intimo, de orgulho abatido, de amor abafado.

Tinha uma companheira no meu infortunio: era aquella poetica franceza, de que sempre gostei tanto, e que não me esqueci de introduzir na mala de viagem.

Era a Desbordes Walmore.

Lia e relia aquellas elegias tão repassadas de sentimento, tão simples de phrase, tão vivas de inspiração e de espontaneidade.

Não disse já outro poeta:

"Lire des vers touchants, les lire d'un cœur pur,
C'est prier, c'est pleurer, et le mal est moins dur?"

Lia, pois. Mas só o tempo, a ausencia, a idéa do meu coração enganado, da minha dignidade offendida, puderam trazer-me a calma necessaria, a calma de hoje.

E sabe que não ganhei só isto. Ganhei conhecer um homem cujo retrato trago no espirito e que me parece singularmente parecido com outros muitos. Já não é pouco; e a lição ha de servir-me, como a ti, como as nossas amigas inexperientes.

Mostra-lhes estas cartas; são folhas de um roteiro que, si eu tivera antes, talvez não houvesse perdido uma illusão e dois annos de vida.

Devo terminar esta. E' o prefacio do meu romance, estudo, conto, o que quizeres. Não questiono sobre a designação, nem consulto para isso os mestres d'Arte.

Estudo ou romance, isto é simplesmente um livro de verdade, um episodio singelamente contado, na confabulação intima dos espiritos, na plena confiança de dois corações que se estimam e se merecem.

Adeus.

II

Era no tempo de meu marido.

Havia grande animação na nossa bella capital, e eu não tinha esta cruel monotonia que sinto aqui atravez das tuas cartas e de jornaes que costumo ler.

Minha casa era um ponto de reuniões de alguns rapazes conversadores e algumas moças elegantes. Eu, rainha eleita pelo voto universal... de minha casa, presidia aos serões familiares. Fóra de casa, tinhamos os theatros animados, as partidas das amigas, mil outras distracções que davam á minha vida certas alegrias exteriores em falta das intimas, que são as unicas verdadeiras e fecundas.

Si eu não era feliz, vivia alegre.

E aqui vai o começo do meu romance.

Um dia meu marido pediu-me como obsequio especial que eu não fosse á noite ao theatro Lyrico. Dizia elle que não podia acompanhar-me por ser vespera de sahida de paquete.

Era razoavel o pedido.

Não sei, porém, qe espirito máo sussurrou-me ao ouvido e eu respondi peremptoriamente que havia de ir ao theatro, e com elle. Insistiu no pedido, insisti na recusa. Pouco bastou para que eu julgasse a minha honra empenhada naquillo. Hoje vejo que era a minha vaidade ou o meu destino. Eu tinha certa superioridade sobre o espirito de meu marido. O meu tom imperioso não admittia recusa; meu marido cedeu a despeito de tudo, e á noite fomos ao theatro Lyrico.

Havia pouca gente e os cantores estavam endefluxados. No fim do primeiro acto meu marido, com um sorriso vingativo, disse-me estas palavras, rindo-se:

— Estimei isto.

— Isto? perguntei eu franzindo a testa.

— Este espectaculo deploravel. Fizes-te da vinda hoje ao theatro um capitulo de honra; estimo ver que o espectaculo não correspondeu á tua espectativa.

— Pelo contrario, acho magnifico.

— Está bom.

Deves comprehender que eu tinha interesse em não dar-me por vencida; mas acreditas facilmente que no fundo eu estava perfeitamente aborrecida do espectaculo e da noite.

Meu marido, que não ousava retorquir, calou-se com ar de vencido, e adiantando-se um pouco á frente do camarote percorreu com o binoculo as linhas dos poucos camarotes fronteiros em que havia gente.

Eu recuei a minha cadeira, e, encostada á divisão do camarote, olhava para o corredor, vendo a gente que passava.

No corredor, exactamente em frente á porta do nosso camarote, estava um sujeito encostado, fumando e com os olhos fitos em mim. Não reparei ao principio, mas a insistencia obrigou-me a isso. Olhei para elle a ver se era algum conhecido nosso que esperava ser descoberto afim de vir então comprimentar-nos. A intimidade podia explicar esta graça. Mas não conheci.

Depois de alguns segundos, vendo que elle não tirava os olhos de mim, desviei os meus e cravei-os no panno de bocca e na platéa.

Meu marido, tendo acabado o exame dos camarotes, deu-me o binoculo e sentou-se ao fundo diante de mim.

Trocámos algumas palavras.

No fim de um quarto de hora a orchestra começou os preludios para o segundo acto. Levantei-me, meu marido approximou a cadeira para a frente, e nesse instante lancei um olhar furtivo para o corredor. O homem estava lá.

Disse ao meu marido que fechasse a porta.

Começou o segundo acto.

Então, por um espirito de curiosidade, procurei ver se o meu observador entrava para as cadeiras. Queria conhecel-o melhor no meio da multidão.

Mas, ou porque não entrasse, ou porque eu não tivesse reparado bem, o que é certo é que o não vi.

Correu o segundo acto mais aborrecido do que o primeiro.

No intervallo recuei de novo a cadeira, e meu marido, a pretexto de que fazia calor, abriu a porta do camarote.

Lancei um olhar para o corredor.

Não vi ninguem; mas dahi a poucos minutos chegou o mesmo individuo, collocando-se no mesmo logar, e fitou em mim os mesmos olhos impertinentes.

Somos todas vaidosas da nossa belleza e desejamos que o mundo inteiro nos admire. E' por isso que muitas vezes temos a indiscrição de admirar a corte mais ou menos arriscada de um homem. Ha, porém, uma maneira de fazel-a que nos irrita e nos assusta; irrita-nos por impertinencia, assusta-nos por perigosa. E' o que se dava naquelle caso.

O meu admirador insistia de modo tal que me levava a um dilemma: ou elle era victima de uma paixão louca, ou possuia a audacia mais desfarçada. Em qualquer dos casos não era conveniente que eu animasse as suas adorações.

Fiz estas reflexões emquanto decorria o tempo do intervallo. Ia começar o terceiro acto. Esperei que o mudo perseguidor se retirasse e dise a meu marido:

— Vamos?

— Ah!

— Tenho somno simplesmente; mas o espectaculo está magnifico.

Meu marido ousou exprimir um sophisma.

— Se está magnifico como te faz somno?

— Não lhe dei resposta.

Sahimos.

No corredor encontramos a familia do Azevedo que voltava de uma visita a um camarote conhecido. Demorei-me um pouco para abraçar as senhoras. Disse-lhes que tinha uma dor de cabeça e que me retirava por isso.

Chegámos á porta da sahida.

Ahi esperei o automovel.

Quem me havia de apparecer alli, encostado á outra porta?

O mysterioso.

Enraiveci.

Cobri o rosto o mais que pude com o meu capuz e esperei o auto, que chegou logo.

O mysterioso lá ficou tão insensivel e tão mudo como o portal a que estava encostado.

Durante a viagem a idéa daquelle incidente não me sahiu da cabeça. Fui despertada da minha distracção quando á porta de casa parámos.

Fiquei envergonhada de mim mesma e decidi não pensar mais no que se havia passado.

Mas, acreditarás tu, Carlota? Dormi meia hora mais tarde do que suppunha, tanto a minha imaginação teimava em reproduzir o corredor, o portal, e o meu admirador platonico.

No dia seguinte pensei menos. No fim de oito dias tinha-me varrido do espirito aquella scena, e eu dava graças a Deus por haver-me salvo de uma preoccupação que podia ser-me fatal.

Quiz acompanhar o auxilio divino, resolvendo não ir ao theatro durante algum tempo.

Sujeitei-me á vida intima e limitei-me á distracções das reuniões á noite.

Entretanto estava proximo o dia dos annos da tua filhinha.

Lembrei-me que para tomar parte na tua festa de familia, tinha começado um mez antes um trabalhozinho. Cumpria rematal-o.

Uma quinta-feira de manhã mandei vir os preparos da obra e ia continual-a, quando descobri dentre uma meada de lã um envolucro azul fechando uma carta.

Estranhei aquillo. A carta não tinha indicação. Estava collada e parecia esperar que a abrisse a pessoa a quem era endereçada. Quem seria? Seria meu marido?

Acostumada a abrir todas as cartas que lhe eram dirigidas, não hesitei. Rompi o envolucro e descobri o papel cor de rosa que vinha dentro.

Dizia a carta:

"Não se sorprehenda, Eugenia; este meio é o do desespero, este desespero é o amor. Amo-a e muito. Até certo tempo procurei fugir-lhe e abafar este sentimento; não posso mais. Não me viu no theatro Lyrico? Era uma força occulta e interior que me levava alli. Desde então não a vi mais. Quando a verei? Não a veja embora, paciencia; mas que o seu coração palpite por mim um minuto em cada dia, é quanto basta a um amor que não busca nem as venturas do gozo, nem as galas da publicidade. Se a offendo, perdõe um peccapeccador; se pode amar-me, faça-me um deus."

Li esta carta com a mão tremula e os olhos annuviados; e ainda durante alguns minutos depois não sabia o que era de mim.

Mil idéas cruzavam-se e confundiam-se na minha cabeça, como estes passaros negros que perpassam em bandos no céo nas horas proximas da tempestade.

Seria o amor que movera a mão daquelle incognito? Seria simplesmente aquillo um meio de seductor calculado? Eu lançava um olhar vago em derredor e temia ver entrar meu marido.

Tinha o papel diante de mim e aquellas lettras mysteriosas pareciam-me outros tantos olhos de uma serpente infernal.

Com um movimento nervoso e involuntario amarrotei a carta nas mãos.

Se Eva tivesse feito outro tanto á cabeça da serpente que a tentava não houvera peccado. Eu não podia estar certa do mesmo resultado, porque esta que me apparecia alli e cuja cabeça eu esmagava, podia, como a hydra de Lerna, brotar muitas outras cabeças.

Não cuides que eu fazia então esta dupla evocação bellica e pagan. Naquelle momento, não reflectia, desvairava; só muito depois pude ligar duas idéas.

Dois sentimentos actuavam em mim: primeiramente, uma especie de terror que infundia o abysmo, abysmo profundo que eu presentia atraz daquella carta; depois uma vergonha amarga de ver que eu não estava tão alta na consideração daquelle desconhecido, que pudesse demovel-o do meio que empregou.

Quando o meu espirito se acalmou é que eu pude fazer a reflexão que devia acudir-me desde o principio. Quem poria alli aquella carta? Meu primeiro movimento foi para chamar todos os meus famulos. Mas deteve-me logo a idéa de que por uma simples interrogação nada poderia colher e ficava divulgado o achado da carta Do que valia isto?

Não chamei ninguem.

Entretanto, dizia eu commigo, a empreza foi audaz; podia falhar a cada tramite; que movel impelliu áquelle homem a dar este passo? Seria amor, ou seducção?

Voltando a este dilemma, meu espirito, apezar dos perigos, comfrazia-se em acceitar a primeira hypothese: era a que respeitava a minha consideração de mulher casada e a minha vaidade de mulher formosa.

Quiz adivinhar lendo a carta de novo: lia-a, não uma, mas duas, tres cinco vezes.

Uma curiosidade indiscreta prendiame áquelle papel. Fiz um esforço e resolvi anniquilal-o, protestando que ao segundo caso nenhum criado me ficaria em casa.

Atravessei a sala com o papel na mão, dirigi-me para o meu gabinete, onde acendi uma vela e queimei aquella carta que me queimava as mãos e a cabeça.

Quando a ultima faisca do papel ennegreceu e voou, senti passos atraz de mim. Era meu marido.

Tive um movimento espontaneo; atirei-me em seus braços.

Elle abraçou-me com certo espanto.

E quando o meu abraço se prolongava senti que elle me repellia com brandura, dizendo-me:

— Está bom, olha que me afogas!

Recuei.

Entristeceu-me ver aquelle homem, que podia e devia salvar-me, não comprehender, por instincto ao menos, que se eu o abraçava tão estreitamente era como se me agarrasse á idéa do dever.

Mas este sentimento que me apertava o coração passou um momento para dar logar a um sentimento de medo. As cinzas da carta ainda estavam no chão, a vela conservava-se accesa em pleno dia; era bastante para que elle me interrogasse.

Nem por curiosidade o fez!

Deu dois passos no gabinete e sahiu.

Senti uma lagrima rolar-me pela face. Não era a primeira lagrima de amargura. Seria a primeira advertencia do peccado?

(Continúa).

Resposta

A' Bibi

Desejava que a pessimista explicasse-me qual é o veneno que não mata, sendo temperado! Não sabia que a Esperança — unica virtude tão bella, unica estrella que illumina — fosse tempero!

A' amiguinha Irene

Na lagrima de amor ha, como na saudade, um balsamo que nos dá substancia, coragem e seiva: é a grande virtude — a Esperança.
Haddock Lobo.

Jacyra.

A' Maria Ernestina N. S.

O ridiculo da simplicidade é um merito em comparação ao ridiculo da affectação.

Z.

A'...

O coração da mulher é um precioso pergaminho onde se encontram gravadas em ouro as palavras — Amar e soffrer.

B.

A' alguem

Não creias que algum dia me esquecerei de ti; a tua imagem e a tua vida jamais se ausentarão de minh'alma e dos meus sonhos.

Angela.

A' gentil M. L. V. P.

Paixão!...
— E' tormentosa dôr que tudo arraza!
Paixão!
Transforma o coração num chão de braza!

Doly.

Para Lili Brant

Certo dia, eu pratiquei
Um roubo... vou te contar:
Entrando em certo Bazar
Uma penna la roubei.

No tribunal de Cupido
Pelo crime fui julgada;
E fui então condemnada
A penar... Como hei soffrido....

Trouxe-me penas a penna...
Pensei até em morrer!
E tu, que me vês soffrer
Não tens dó da minha pena?

Camelia Branca.

Ao "bloco" dos chrysanthemos

O blóco dos chysanthemos, engasta nos recessos incognitos da minh'alma, a dulcissima chimera, de um privilegiado ramalhete de olorejantes e attrahentes flores humanisadas. Ao vel-o, o meu apaixonado coração abandona a monotonia rithimica e exochrona, dos corações vulgares, e celleremente palpita, como que impellido por uma força sobrenatural e incognoscive'.
Encantado.

Augusto F. de Mattos.

A' quem eu amo

Amar a quem não nos ama, é soffrer a pungente dôr que nos despedaça o coração.
Amar e ser correspondida, é a maior ventura sobre a terra.
Embora, A., não me ames, amar-te-ei sempre.
S. Christovão.

Abigail.

Toujours á toi

A' tardinha quando o astro rei vai a desapparecer os seus ultimos raios, quando ouço o doce murmurio das aguas desse bello rio, o chilrear das aves nos arbustos verdoengos que circumdam este meu casebre de campo e o terno som do Pleyel, sinto um quê de suavidade e commovido recordo-me com saudade do teu bello e seductor olhar.
Jequery — Minas.

Cravo Branco do Valle.

A' alguem

Feliz aquella que ama e é correspondida pelo ente que vota o mais puro e sincero amor; assim tambem quizera eu ser corerspondida pela pessoa que amo verdadeiramente.

Maria D. G.

Ao joven A. G. A.

Sim. A maior parte dos homens, tem como as plantas qualidades occultas, que só o occaso faz conhecer. E' assim que o germen da philanthropia não pode ser conhecido na phase embryonaria.

G. G. G.

Ao H. A. C.

Deus no céo e tu em meu coração.
Amar-te sempre, desprezar-te nunca...
O amor é um fio electrico que liga dois corações que se amam por mais afastados que estejam.
S. Christovão.

*N.****

A' Hernani

Quando o dia se esvahe na melancolia do crepusculo e o sol desapparece por traz das verdejantes montanhas, eu sinto que a minha alma inclina-se embevecida para a recordação do nosso amor como a flor triste que fenece.

Silvette.

A' uma gentil mademoiselle vargenalegrense

Assim como um mendigo estende a mão, emplorando da caridade publica, uma esmola para o seu sustento, é o meu pobre coração na luta espinhosa do teu dispreso, caminha na escabrosa estrada da vida, estende a mão emplorando a doce esmola do teu amor para o seu conforto.

15—16 Algre.

Para a meiga Leontina

No fundo do mar nasceu a perola e a mimosa flor no campo agreste vive, das nuvens gera-se a gotta de orvalho e a ti eu vejo nos meus sonhos...
No diadema das princezas e rainhas engasta-se para sempre a perola formosa, e a flor morre fanada em vaso alabastrino e a gotta vai ao mar onde se some, mas o teu nome e tua imagem vivem eternamente no recondito do meu coração.

Delphina.

A' alguem

Quando dedicamos verdadeira amisade a um coração que não nos corresponda com o mesmo affecto, é preferivel morrer; só assim deixará de soffrer um coração que ama, horrivelmente ferido pela setta da ingratidão.

Henriqueta A. O.

A' Mlle. P.

Humilho-me a teus pés, implorando-te uma unica palavra — Esperança — que será o allivio do meu pobre coração, torturado pelo teu desprezo.

TEU NOME...

As avesitas joviaes,
Que esvoaçam lá por casa
Com gorgeios musicaes
E c'um brando ruflo d'aza,
Gostam do teu nome, Odette!
Porque d'esde manhã cedo
Até quando o sol se some
Ouço-as pelo arvoredo
A repetir esse nome
Que a minha voz lhes remette...

Agostinho Mesquita.

OLHAR FULGURANTE...

A' senhorita Odette Mesquita

Dois astrositos sómente
No seu olhar seductor...
Todavia o sol nascente
Nunca teve mais fulgôr!
Se acaso a vista me lança
Desfazendo mil abrolhos,
As azas da minha Esperança
Ficam presas nos seus olhos.

Agost.

A' amiguinha Helena

A amizade é um fructo dulcissimo, que nem todos podem provar. E' infinita.

Bibi.

A' Helena

Resposta ao seu pensamento:
O silencio, addicionado ao desprezo, julgo ser a melhor formula que existe, para repellir da consciencia os micr™bios da injuria.

Doly.

A' alguem

Tendo a alma transida de dores
O coração de martyrios,
A cabeça de delirios,
E meu peito, teus amores,
Vou apanhando as bellas flores,
Que espalha tua formosura,
Procurando sempre a ventura
Do meu futuro triste e incerto,
Como o tal paria do deserto
Caminhando na noite escura!

Salvador.

A' amiga Bibi

Amor, sublime emanação do Empyreo,
Dos abysmos da terra aos céos echôas!
Mundos de luz descobres e povôas!
Amor, és para a morte eterno cyrio.

Elvira Agusta.

A' alguem

Quando se tem uma paixão insensata, irrealisavel, deve-se procurar numa amisade sincera o meio de esquecel-a e convencer ao coração que essa paixão, essa loucura, deve se mudar em odio, fazendo que a amisade salvadora se transforme em amor.

Amor de Principe.

A paixão quando se apodera de um coração, é como um terrivel corrosivo— deixa fundas cicatrizes embora queiramos extinguil-as para sempre.

Lyrio Azul.

O amor é como um incendio: apaga-se, julga-se extincto, mas inesperadamente eis que surge nova labareda a destruir tudo.

Lolita.

Ao priminho Adhemar

A innocente pombinha batendo na arca de Noé annunciou a salvação; assim tambem o travesso Cupido batendo em meu coração annunciou o teu amor que foi logo correspondido.

Rio 3|8|915.

Lucia.

Para o Juca

Do encontro de dois olhares pode surgir o cháos de uma incerteza ou a luz de uma esperança.

Celeste P.

Para o Arlindo C.

A ausencia é má conselheira, põe um ponto de interrogação em cada pensamento que se relaciona com o objecto do seu culto e só attende aos chamados da razão quando estes são feitos as pressas.

Admêa P.

Para Gugut

A indifferença fingida é um recurso prejudicial que póde se tornar nas mãos do que a maneja em espada de dois gummes.

E. P.

AMAR

Ao meu noivo

Amar é desfolhar anciosamente
As olorosas flores da ventura
E' ter no altar do peito erguido
Eternamente
A tua imagem pura.

E' ser feliz e anciar sempre clamando
Junto de ti entermina saudade
E achar no proprio Averno a luz
D'um sonho brando
Oh! minha divindade!

Para o A. P.

Quando amamos alguem e não temos a certeza de ser retribuido o nosso affecto com o mesmo ardor, sentimos desfazer-se nossas esperanças de um futuro risonho e feliz e nossa alma abate-se dominada pelo soffrimento.

Bello Horizonte.

Clarita Neves.

Ao meigo Alvaro

O ciume é um microbio; corrompe e mata nos corações sensiveis o sentimento puro e santo que chamamos — amor.

Rio.

Cherie.

A' meiga Leontina de Paiva

Linda flôr da primavera
Estás sempre em minha mente
Ou de noite ou de dia
Nunca te esqueço um momento
Tu és pura como o jasmim
Inclinas com a viração,
Nada te preoccupa querida
A amisade do coração.

Delphina.

INGRATIDÃO

Coração, meu pobre coração, quanto sou infeliz! Por que o destino é tão cruel para quem é sincera e dedicada? Coração despresado, tu não viste que era impossivel este amor? Não fizeste bem em dar-lhe guarida, pois déste-me uma esperança van quando desse caminho de dissabores devias desviar-me.

E agora soffro em segredo as afflições de uma incerteza mortificante. Ah! mas não é possivel que tamanha ingratidão não tenha o castigo merecido.

Elise L.

Ao gentil Fáfá

A verdadeira felicidade consiste na constancia, fidelidade e muita discreção dos entes que se amam com reciprocidade. Guarda bem estas palavras em teu coração bonissimo, mas... voluvel como a borboleta!

Bello Horizonte.

Maud.

A' V. B.

A ausencia separa dois corações que se amam sinceramente, porem nos une por uma sublime palavra — Esperança.

I. S.

A' C. P.

Os olhos verdes são os pharóes da esperança que resplandecem na minha existencia.

O ciume é um verme que róe crucicantemente as fibras de um coração que ama.

Engenho Novo.

I. S. M.

AMOR E SAUDADE

Si passa a brisa sonora,
Si ouço a fonte que chora,
Pelas horas do sol-por,
Minha'alma com sentimento
Ao céo vôa n'um momento
E triste suspira — Amor!

Si vejo em jardim florido
Um triste lyrio pendido,
Porque vai morrendo a tarde,
Meu coração desolado,
Palpitando magoado
Suspira triste — Saudade!

Rio.

Lilinha.

A' S. de A.

Sou bastante feliz pois vivo como em gozo
Do teu sincero amor, sim minha querida,
Mas quando chegará o dia venturoso
De eu te ter junto á mim p'ra toda a minha vida?

Villa Izabel — Rio de Janeiro.

Cyroma.

A' Maria Amelia

Minha existencia sem teu amor assemelha-se a um fragil batel sem leme e sem véla vogando á tôa sobre vagas procellosas.

I. S.

A' alguem

Tu que tiveste a extrema força de arrancar o tedio que me empolgara, e que, soergueste em meu ser quasi exsangue a luz de uma nova vida, atrofiada até então, pela illuzão do ascetismo; tu, virgem morena e pura, agora me desprezaste, lançando para a valla commum do esquecimento toda a vehemencia do primeiro amor que fluiu em teu coração na pujança dos quinze annos em flor!... E assim fazendo, calcaste aos pés os juramentos trocados aos momentos de venturas supremas, atiraste uma pá de cal sobre os sonhos do passado e as esperanças do porvir, acompanhando com riso sarcastico o desespero mudo do meu coração illudido...

Vai... segue novamente a estrada da vida, e sê feliz... Mas um dia, no meio das galas expendorosas que te cercarem, quando em tua alma incauta penetrem os dissabores, e te offuscar a retina o fogo do relampago das paixões não extinctas, has de sentir no teu coração voluvel, qual o dim-dim-dlam de um dobre á finados, — a recordação pungente do primeiro amor e o remorso de o haveres despedaçado...

E então, como "nous enfoncements d'un tableau" que contemplares, passar-te-á pela mente a imagem fugidia dos tempos idos, e tu em extase espiritual, evocarás a doce voluptuosidade do calor de uma mão que apertaste, despedindo-a para sempre de ti..

Julho — 1915.

Sillo.

ANNO II RIO DE JANEIRO, 1 DE SETEMBRO DE 1915 NUM. 32

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 10$000 — Semestre . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADEANTADO

Numero avulso 400 reis; nos Estados 500 reis

Director-proprietario F. A. PEREIRA

Os originaes enviados á redacção não serão restituidos.
As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro. As importancias das assignaturas e toda a correspondencia devem ser dirigidas aos editores Turnauer & Machado.

Redacção e administração — RUA 13 DE MAIO N. 43

TELEPHONE CENTRAL 1365

CHRONICA

GRANDE tem sido ultimamente entre nós o movimento operado na arte musical. Não só os nossos afamados musicistas, com o notavel maestro Alberto Nepomuceno á frente, não têm descançado no afan de impulsionar cada vez mais esse movimento, como raro é o dia ou a semana em que esta capital não é visitada por musicistas estrangeiros de nomeada, como póde attestar a série quasi ininterrupta dos concertos que se effectuam a cada momento em varios pontos da nossa movimentada *urbi*.

A proposito dessa risonha e festiva agitação da arte musical, tendo por elemento quer as cordas vocaes de nossos dilettanti e artistas lyricos, quer o elemento proprio para vehiculo dessa encantadora filha da harmonia, entendemos fazer uma ligeira e vaga digressão pelos dominios dessa arte, cuja origem e fim repousam, na phrase de Lacépede, *na imitação dos gritos inarticuladas das paixões*.

Tomemos por guia Charles Beauquier, com sua *Philosophie de la Musique*, e embrenhemo-nos por esse extenso moital de sons em que Wagner, na sua concepção de musica do futuro, vê a *expressão dos mysterios mais abstrusos da creacção* e que Montesquieu considera «*o melhor* dos prazeres, por ser o que menos corrompe a alma».

Pela sua acção sobre a sensiblidade, é o rythmo o mais importante elemento da arte. Os antigos diziam que o rythmo era o elemento masculo e a melodia a potencia feminina da musica.

A musica age sobre a nossa sensiblidade nervosa, produzindo muitas vezes esses surtos de immoderada paixão ou de intensa melancolia.

A mulher, mais nervosa em geral que o homem, com um corpo mais lymphatico, por consequencia, mais vibratil, é muito impressionavel á musica, muito apta a supportar a acção dynamica dos sons e, nos casos particulares, em que a sensibilidade nervosa é mais desenvolvida, na gestação, por exemplo, deve ser ainda mais accessivel a essa influencia, pois a acção da musica sobre a sensiblidade é incontestavel: age directamente sobre os sentimentos em geral, produzindo vibrações modificadoras do estado nervoso.

Todos os phenomenos do mundo sensivel, tudo o que chamamos *percepções*, se relaciona a um movimento vibratorio das differentes fibras nervosas cuja composição intima basta para produzir sensações differentes. Essas fibras são como verdadeiros élos que põem em communicação o mundo exterior com o mundo interior, com o que chamamos alma.

Essa acção dynamica do mundo exterior, resumindo-se para o homem em vibrações, póde-se dizer que, em sua intrinseca composição, a vida não passa de um instrumento de cordas nervosas, pois, em sua essencia, nada mais é que movimento, pois a vibração, movimento essencial da força, existe em toda parte, mais ou menos apparente.

Assim sendo, a vibração musical nada mais é que um modo particular de perceber essa vibração universal, essa musica da vida que anima a todos os sêres e a todos os corpos, desde o mais infimo ao mais elevado.

Foi sem duvida por esse motivo, isto, é, por notar quanto a melodia sentimental ou o rythmo cadenciado agia sobre a nevrose feminil, que alguns padres da igreja proclamaram que, "pelos attractivos dos *ouvidos* e dos olhos, costumava penetrar nalma humana uma multidão de vicios".

Si a musica é triste, todos as dores latentes que se occultam em nossa alma serão despertadas e tomarão de subito um violento surto para maior angustia; si é alegre, todas as forças expansivas que existem em nosso sêr desprender-se-ão, impulsionando para a frente mil pensamentos graciosos ou

facetos, todo o conjuncto emfim de nossa ardente imaginação com os mil coloridos que lhe empresta.

O pintor ou o poeta, ao assistir uma audição musical, póde sentir acordar de improviso em seu intimo todas as forças creadoras de sua imaginação,

Aos seus sons inebriantes e acalentadores, surge e desdobra-se, aos olhos do espirito, o mais soberbo e movel panorama.

Assim como as flores têm a sua linguagem, evocativa de sentimentos ternos, elevados e, ás vezes, bem lamentaveis, tambem os instrumentos musicaes dispõem da sua não menos symbolica linguagem.

O violino e flauta exprimem *o amor*: o violoncello, *a dor*; a trombeta e o tambor, *a gloria*; a trompa, a *caça*; o flautim, *alegria rustica*; a harpa, *canto celeste*, etc.

Quem por entre as amarguras da existencia, principalmente vós, almas dolentes, e acorrentadas quasi sempre ás brandas e muitas vezes desesperadas emoções da vida amorosa e sensivel, não se deixará arrastar por essa soberba e encantadora avalanche de sons, que amodorra os sentidos e vos faz sonhar com os mais gratos e por ventura mais embaladores e quiçá mais illusorios sonhos de felicidade?

BARRRA DO PIRAHY

Mlle. THARCILLA BAPTISTA
Dilecta filha do integro Magistrado Dr. Zotico Antunes Baptista

A ARTE DE SER ELEGANTE

No nosso ultimo número falamos sobre a saia ampla que na sua deselegancia, absoluta corruptela da antiquada saia-balão, que foi a delicia dos saraus elegante sdos nossos avoengos

Hoje voltamos a tratar do assumpto sob um outro ponto de vista: sob o ponto de vista propriamente da elegancia alliada á economia.

Sta. Margarida Rio Grande
S. João d'El-Rei—Minas

Uma dessas saias largas, e sem linha estectica, só pode dar, ao espirito de quem a contempla, uma idéa: o esperdicio de muito panno em proveito de nenhum resultado.

* * *

Já tivemos occasião de bordar commentarios em torno do motivo—elegancia—destacando-o do luxo excessivo a que se entregam as nossas patricias.

E as nossas observações autorisam-nos cada vez mais a ter essa opinião.

A moda nas suas variações constantes obriga ás mulheres a situações difficeis e complicadas.

Esssa das saias largas é bem caracteristica.

Com o panno gasto numa dellas, não seria mais pratico fazer uma dessas saias que tornam a mulher mais esguia dando-lhe um «que» delicioso das silhuetas de Tanagra ou a linha ondulosa das estatuas de Diana?...

Hão de concordar em que a razão está do nosso lado. E como vemos a saia larga num quasi triumpho que não comprehendemos, esperamos que as nossas patricias de bom gosto lhe movam a mais encarniçada guerra.

E' verdade que a moda tem sempre uns absurdos mysteriosos; nem sempre o bello vençe... O feio espalhafatoso consegue sempre uma hora de voga.

E nesse caso da hora de voga da corruptela da saia-balão, é preciso que a Belleza seja victoriosa definitivamente... ***Yvonne.***

A arte de ser feliz

Casamento, divorcio, eis ahi duas palavras que dão materia a muita conversa mundana.

Discute-se sobre as differentes formulas do casamento, sobre cento e uma maneira de divorcear, etc.

Psychologos e sociologos trocam graves pensamentos, sem se darem conta que, desde seis mil annos que o homem e a mulher existem, ainda estamos á perguntar de que lado está a felecidade, ou qual é o melhor meio de conservar este passaro raro quando o possuimos.

Eu não pretendo de maneira alguma resolver a eterna pergunta. Vou contentar-me somente em narrar uma muito simples e muito antiga historia que me vem á memoria, vos deixando o cuidado de tirardes todas as conclusões que vos possam agradar.

Colloquemos o nosso assumpto na pequena cidade que quizerdes.

Ahi vivia, ha um seculo, distando trezentos metros, uma senhora que, desde muito tempo não era moça, e um celibatario que estava bem perto da velhice.

Todas as tardes, quando soavam sete horas no sino de rebate, o celibatario batia á porta da senhora.

A creada apressava-se em abrir; elle entrava na sala de visitas, beijava a mão da dona da casa, e ia sentar-se numa cadeira de braços que o esperava perto da janella no verão, perto da chaminé no inverno.

No fim de dois minutos pouco mais ou menos, esta pergunta lhe era dirijida: "O que ha de novo hoje?"

Elle então contava os acontecimentos do dia, e durante uma hora a conversa rolava sobre os factos grandes ou pequenos, o mais das vezes pequenos que grandes.

A's oito horas, o visinho e a visinha iam para a mesa de jogo que já estava preparada e jogavam o dominó, conversando banalidades que eram para elles de extrema importancia.

Entre dez horas e dez e um quarto, o visinho se levantava, tirava uma pequena lanterna do bolso, si a noite era escura, accendia a dita lanterna, beijava novamente a mão da visinha e retirava-se.

Isto durava desde vinte annos.

Uma noite de inverno, no momento em que o velhote botava o pé fora da casa, uma lufada de vento e de chuva apagou a sua lanterna e fustigou-lhe o rosto.

Elle entrou logo, collocou a lanterna que fumegava ainda, sobre a mesa e pronunciou estas poucas palavras, os olhos baixos e falando muito depressa:

—O vento apagou a minha lanterna, a chuva inundou-me o rosto: se eu pudesse estar em minha casa sem sahir da vossa minha digna amiga, isto não aconteceria mais.

—O que dizeis é perfeitamente justo, meu amigo.

—Poi bem! ha um meio, é...

—Eu tambem já pensei nisso, responde vivamente a bôa senhora.

—Já pensastes? Será possivel?

Mas então...

—Então... arranjai-vos para estar o mais breve possivel em vossa casa sem sahir da minha!... Emquanto esperamos, bôa noite.

Um mez depois o visinho e a visinha estavam casados.

Um anno mais tarde os dois esposos estavam sentados em frente um do outro á mesa de jogo.

O marido bocejava, a mulher suspirava:

—Bocejais, meu amigo.

—Suspirais, minha querida.

—Será tedio?

—Será pezar?

—Pois bem, sim, olhe eu vou ser franca, é um pensar, um pesar estranho, inconcebivel.

Seguramente ides caçoar de mim, não importa, ouve:

Outr'ora, a idéa de vossa visita á noite occupava todo meu dia e o enchia. Vinte vezes eu ia á janella, olhava o ceu conforme o tempo, eu dizia: "Elle estará vestido assim, ou assim, elle virá com seu guarda chuva, ou então com sua bengala.

Que noticias trará elle? Terá elle visto este? Terá encontrado aquelle? Que livro terá elle lido? Que passeio terá elle feito?..."

—E eu, interrompeu o marido, apenas levantado, scismava nas horas que passariamos juntos, principiava, como vós, o meu interrogatorio: Em que trabalhará ella quando eu chegar, no seu bordado ou na sua costura?

Terá o seu vestido de sêda tão simples e que me agrada tanto, ou aquelle de ramagens que eu não posso supportar?

O seu medico terá ido vel-a?

Me contará ella ainda alguma nova asneira de sua creada?

Se aborrecerá das historias da cidade que eu lhe vou contar?

E eu esperava a tarde com uma impaciencia!...

Ah! era delicioso, e agora...

—Agora, conheceis minha vida minuto por minuto...

—Como vós a minha...

—Nada mais de imprevisto...

—Mais nenhuma surpreza...

—Eis porque ainda ha pouco suspiraste...

—Ouvi, meu amigo, ha talvez um remedio: a casa em que moraveis ha um anno é muito bonita?

—Encantadora!

—Aindo não a pudestes alugar?

—Não, mas, que importa?

A bôa senhora sorriu, levantou-se, foi buscar sobre uma mesinha a lanterna de outr'ora, accendeu-a, e entregou-a ao marido e disse-lhe:

—Bôa noite, visinho!

—Ah! minha querida, vós nos salvais!...

Elle beijou a mão da mulher, passou a porta da casa conjugal com resolução firme apesar do tempo estar horroroso.

No dia seguinte voltou á hora em que vinha outr'ora... e no dia seguinte, e sempre.

E o visinho e a visinha recobraram a felicidade que tinha escapado ao marido e a mulher.

....

Eu não acrescentarei nem mais uma palavra á minha pequena historia: Reflictam e concluam.

Trad.

Margarida.

GYMNASIO DA BAHIA

Bachareis em sciencias e lettras, senhoritas Genesina Pitanga, Stella Santos e Aurelia Pitanga

---

A mulher adivinha tudo, mas desde que passa a reflectir, engana-se sempre.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

No dia 28 do mez p. p. contou mais uma radiante primavera a gentil senhorita Helena Urzedo Rocha, filha dilecta da exma. snra. D. Joaquina Cassão Urzedo Rocha e do negociante d'esta capital sr. Julio Urzedo Rocha.

A anniversariante reune aos fulgores da sua culta intelligencia uma educação esmerada e completa.

X

No dia 21 de Agosto findo completou seis annos de risonha existencia o intelligente menino Rubem Koeler Imbuzeiro, dilecto filho da nossa illustre collaboradora, d. Graziella Koeler (Grazy).

X

Fez annos no dia 4 de Agosto a senhorita Clara Bastos, residente em Itajahy, e que contractou casamento com o Snr. Carlos Sousa Martins, commissario do paquete "Anna". Ainda que tardiamentete, o *Jornal das Moças* felicita-os.

X

Passa hoje a data natalicia de Mme. Antonina E. de Castro, virtuosa esposa do maestro Leonardo de Castro.

A distincta anniversariante que é uma eximia cantora sacra e illustre professora, na cidade de Santos, onde reside, possue um vasto circulo de relações de amizade.

X

Completará mais um anniversario no dia 7 a virtuosa e bonissima senhora Maria Rosa Fiuza, esposa do Snr. Antonio Fiuza Junior, negociante nesta praça.

X

Fez annos no dia 31 a gentil senhorita Adelina de Carvalho Lopes, sendo, por este motivo muito cumprimentada por suas amiguinhas.

X

No dia 11 do mez findo contou mais um anno de proveitosa e util existencia o Snr. Fenelon Coutinho, importante negociante em Lavras, Estado de Minas Geraes.

X

Fizeram annos as distinctas profressoras do grupo escolar de Caratinga, senhorita Nhazinha Maria, no dia 5 de Agosto, e D. D. Izabel Vianna, no dia 13 e Maria da Gloria Avila no dia 14.

NOEMI DILLIERS
residente em Cantagallo, E. do Rio

X

No dia 18 do mesmo mez viu passar entre flores e risos a dia de seu anniversario, a gentil Mlle. Odette Campos, residente em Caratinga onde é muito estimada pelos seus dotes de coração.

X

No dia 6 conta mais um anno de existencia o joven Francisco Bianco, um bom amiguinho do *Jornal das Moças*,

X

No dia 3 completa dezenove primaveras a Senhorita Sara M. Costa.

X

A senhorita Yolanda Sampaio Veiga será muito cumprimentada por suas amiguinhas no dia 4, data de seu anniversario natalicio.

X

No dia 21 de Agosto fez annos o travesso Milton, filho do Snr. Affonso Lopes Ribeiro e de D. Maria Gomes, residentes em Jequery.

X

Completou mais um anno de sua preciosa existencia a senhorita Paulina Neumeister, pupilla do Snr. A. Turnauer.

Hontem, 31 de Agosto, esteve em carinhosa festa o nobre lar do illustre commandante da Fortaleza de Santa Cruz, coronel Portilho Bentes, por ser a data natalicia de sua filha, Mlle. Celina Portilho Bentes.

NASCIMENTOS

O lar do Snr. Tertuliano A. da Fonseca Lessa e sua esposa, D. Cecilia Ramos, foi enriquecido com o nascimento de uma interessante menina, que recebeu o nome de Maria de Lourdes.

X

Acha-se em festa o lar do Snr. Major Edgard Vianna, com o nascimento de mais uma interessante filhinha, que receberá na pia baptismal o nome de Cylene.

CASAMENTOS

Contratou casamento com a senhorita Carmelita de Salles Coelho, filha do Dr. João Ferreira Coelho Junior, juiz seccional, residente em Bello Horizonte, o Dr. José Ferreira de Freitas Junior, filho do commendador José Ferreira de Freitas, capitalista em S. Paulo do Muriahé.

X

O Dr. Octacilio de Carvalho Borges contratou casamento com a gentil Mlle. Isabel Gonçalves Vianna, Filha do Snr. Antonio Gonçalves Vianna, funccionario do Supremo Tribunal Militar.

X

No dia 29 do mez findo realisou-se em Alvinopolis, Estado de Minas, o enlace matrimonial do Snr. José da Costa Figueiredo, com a gentil senhorita Balbina Pereira, dilecta filha do Capitão Benjamin Fernandes Pereira.

NOTAS THEATRAES

O *Trianon* continúa a ser a casa de diversão preferida pela elite carioca.

A comedia "Contanto que minha mulher não saiba", de Pierre Weber, traduzida pelo nosso distincto collega do *Jornal do Commercio* Snr. João Luzo, agradou extraordinariamente.

A interpretação da interessante comedia foi magnifica e todos os artistas que nella tomaram parte dezempenharam a contento os seus papeis.

Christiano de Souza merece, sem favor, os nossos parabens por mais este successo alcançado pela *troupe* que tão intelligentemente dirige.

Depois desta peça, foi levada á scena a comedia em 3 actos "A Madrinha de Charley", escolhida para o festival do actor Augusto de Campos, que se incumbiu de um dos mais difficeis papeis.

X

A grande companhia equestre dirigida pelo artista Frank Brown, muito conhecida nesta capital, que estreou em Buenos Aires, vem trabalhar no theatro Republica que foi preparado convenientemente.

X

No *S. Pedro* a magnifica revista "Beijos e Rosas", de Candido de Castro tem feito grande successo.

As Sras. Lola Brieba, Julia Martins e Isabel Ferreira têm dado grande realce aos seus papeis e por isso merecido emtusiasticos applausos do publico que todos as noites enche a vasta sala do S. Pedro.

Seria injustiça deixar de fazer uma referencia á Sra. Mercedes Villa que, com arte e muita expressão, canta a "Valsa da Volupia"

MAR NOCIVO

(A' GRAZY)

Mar tormentoso, tristonho mar,
Que andas bramindo pelos rochedos
E pelas praias a te queixar,
Conta-me a historia de teus segredos.

Porque nas noites enluaradas
Lembras um sonho que não tem fim,
Queixas de Amantes, mortes de amadas,
E vives sempre gemendo assim?

Porque nas noites negras infundes,
Com teus soluços de acorrentado,
A idéa triste de um *De profundis,*
Seguindo o corpo de um ente amado?

Tu, que p'ra a vida dos continentes
Cedes o dorso das ondas tuas,
Postas em luta pelas correntes
Que as naves cortam com as quilhas suas;

Tu, mar undoso, de cujo seio
Brota o sussurro, dentre surdinas,
D'aguas que choram da noite em meio,
De envolta ao côro de mil ondinas;

Porque vens sempre com o teu bafio
Tão salitroso, numa ancia brusca,
Por entre brancos lençóes de frio,
Ser a nevrose p'ra quem te busca?

A essa donzella que, em noite calma,
Vae segredar-te todos os sonhos
E os mil enlevos que brotam d'alma,
Illusões alvas, carmes risonhos;

Ao envez do brando, leve conforto
Com que lhe deves suavisar
A ancia de affecto, mostras-lhe o porto
Com esse rumo da morte, ó mar!

Torces-lhe os nervos, no sangue injectas
Lavas ardentes de audaz paixão;
Lembras-lhe os nomes d'aquelles poetas
Mortos aos gritos do coração!

Quanta belleza, quanta poesia
Nas lindas tardes á beira-mar,
Quando se evocam da phantasia
Dias futuros de amor sem par!

Mas, ah! não tarda que essa opulencia
De tons e cores, que tanto agrada,
Se mude logo na viva ardencia
Dos sonhos loucos da desgraçada!

Suppor quem ha de que essa aura mansa
Que do mar sopra venha aquecer
O sangue rubro dessa creança
Que só dos sonhos faz seu prazer?

Emquanto dorme, sempre embalada
Por essa queixa que do mar vem,
Ella acredita, noiva adorada,
Que esse mar manso só lhe faz bem!

Mas, alta noite, louca desperta.
Que desespero no seio afflicto!
A' persiana, que está aberta,
Corre, soltando soturno grito.

E o mar queixoso, na triste endecha,
Pela alva praia gemendo vae,
E o echo plangente de sua queixa
Liga-se ao echo daquelle ai!

14—4—915.

Ricardo Barbosa.

HYGIENE ESCOLAR

O Feriado da quinta-feira

Se ha paiz, em que se exalcem as virudes da hygiene, pelos jornaes, pelo livro, pela tribuna, como nas palestras intimas, esse é, sem duvida, o nosso.

Mas, não menor verdade é reconhecer que outro não ha, em que menos se pratique a theoria pregada, por esses differentes vehiculos do pensamento. "Faz mal a carne", ensina-se por toda a parte, e em nenhuma outra região do globo, é o homem tão carnivoro como entre nós.

"Convém adoptar a alimentação vegetariana", ou, pelo menos, "attenual-a com a animal", dizem todos, no emtanto, consentem os poderes publicos que se monopolise a venda dos legumes e das fructas, por tal maneira que se tornam elles inaccessiveis ás bolsas communs.

"Nos climas quentes", diz-se, a uma voz, "convém renovar o ar, nos dormitorios durante as horas de somno".

Mas, como fazel-o, se a nossa inperturbavel policia permitte, aos malfeitores, entrada franca nos nossos dormitorios?!

E quantos outros exemplos, quantos!!...

Com a hygiene escolar o mesmo acontece.

O estudo, na idade infantil, deve ser ministrado em doses tão razoaveis que o precóce desenvolvimento intellectual não venha a entravar o desejado desenvolvimento physico.

Mas, o que pensa o leitor que se tem feito para attingir a esse objectivo?

Tem-se aggravado o programma das escolas primarias, de materias, cuja assimilação não pode ser feita pelas intelligencias infantis, impondo-lhes uma sobrecarga, que as desorienta e obscurece...

E, quando ninguem ha, com autoridade nessas transcendentes questões de ensino, que deixe de achar exaggerado para uma creança, o esforço de attenção continua, durante os seis dias uteis da semana, volve-se ao regimen, já condemnado, do trabalho escolar da segunda-feira ao sabbado!!...

Temos, a este respeito, acompanhado os debates, e confessamos que ainda não obteve, do nosso espirito, assentimento uma só das objecções, que se têm formulado contra a folga das quintas-feiras.

O trabalho escolar, diz-se, deve ser feito exclusivamente em classe, e essa condição só por si importa na obrigação de não interrompel-o, durante a semana.

Mas, então, por que interrompel-o durante longas férias? Não ha nisso manifesta contradicção!

Nunca subscrevemos com as nossas reminiscencias de vida escolar, e, com a nossa pratica de magisterio infantil, a opinião dos que negam as vantagens do estudo no lar, para revisão da materia ensinada na escola, e sob as vistas solicitas dos paes, ou tutores extremosos.

E essa revisão, que se torna quasi impraticavel nos dias de trabalhos escolares, pode e deve ser feita em dia de recolhimento destacado entre os seis uteis da semana.

O domingo, esse não pode ser aproveitado para tal fim, porque, contra isso se conspiram os habitos e as tradições da vida de familia.

Quem, de bôa fé, negará a vantagem de educar a lettra, copiando modêlos calligraphicos ou de auxiliar a memoria fixando as regras orthographicas, por meio de exercicios de escripta?

E' um snobismo pedagogico, que não comprehendemos, esse de preceituar que todo o trabalho do ensino primario deve ser feito durante as horas do curso.

Na litteratura, como na sciencia, como nas artes em geral, ha um anhélo de innovações irreflectidas, que vizam derrocar o passado, ainda no que elle tem de bom, por amor á originalidade!

Com a pedagogia está acontecendo facto identico.

Lili, Noemia, Maria de Aguiar Corrêa, filhas do Sr. Marechal José de Aguiar Corrêa e uma amiguinha em sua residencia em Porto Alegre, Rio Grande do Sul

Não deve estudar o menino em casa, não deve revêr as lições do mestre, recorrendo aos apontamentos tomados em classe, porque, não convem que a sua intelligencia se divorcie, um só momento dado, do seu unico e exclusivo mentor.

E' esse um ponto de vista evidentemente exaggerado e que se, nem mesmo pode prevalecer para o ensino individual, quanto menos para o collectivo.

A verdade é, que se torna urgente considerar essa questão do feriado nas quintas-feitas, sob o ponto de vista elevado dos verdadeiros principios pedagogicos, e não estreitamente como se tem feito, até agora, attribuindo ao professorado o movel subalterno de obter um dia de repouso na semana.

E' certo que não deixa de concorrer para reclamação de semelhante medida, e, em tom imperioso, o reconhecimento da indeclinavel necessidade de proporcionar aos mestres um largo intervallo de trabalho, que lhe permitta tratar de seus negocios particulares, ás horas de expediente, nas repartições publicas, no forum, na praça, etc.

Mas, essa consideração é de ordem secundaria, attenta a relevancia d'aquellas, que as precederam.

Para umas e outras, ousamos solicitar a attenção das autoridades do ensino e, principalmente do illustre scientista, que é o Sr. Dr. Director da Instrucção, e do provecto administrador, que se vem revelando, já em dilatado periodo, o eminente Sr. Dr. Prefeito.

Cumpramos nós, os mestres, o nosso dever de reclamar, respeitosamente, não nos sendo licito presumir que aquelles honrados brazileiros, auxiliados pelo benemerito Conselho Municipal, deixem de cumprir o seu.

1915.

Adelina Savart de Saint Brisson.

OS COSTUMES DA INDIA

O amor — o casamento — a mulher

(Pelo escriptor indigena Basanta Koomar Roy)

Pessoas mal informadas dizem que os hindús não sabem amar; são muito fleugmaticos para poderem ser romanticos, muito sonhadores para serem realistas, e foram acreditados. Permittam que eu diga agora que essas pessoas foram muito credulas e, para convencel-as dessa credulidade, devem ler esta carta de amor de um hindú a uma gentil patricia.

«Mais querida que minha existencia.

«Tu estás longe de mim, e meu coração está triste. Para expellir esta tristeza penso em ti e vejo-te por toda a parte, commigo, ao meu lado, em tudo que me rodeia.

«Todo rosto humano parece-me uma pobre imitação do teu; as flores exhalam perfumes do teu corpo.

«Por entre as estrellas que scintillam, vejo os teus olhos, teus olhos amados com as lagrimas de que a nossa separação os orvalhou. Nos pallidos raios da lua distingo a graça ondulante de teu andar.

«Bem amada, tu bem sabes quanto seria inutil dizer-te que te amo profundamente. Si quizesses abrir o meu coração, nelle encontrarias gravada a tua imagem. Adoro teus olhos lisongeiros e teus labios sagrados.

«A doce caricia de teus dedos enche-me todo de uma celeste felicidade e teus amorosos beijos representam o proprio céo.

«Dizem, em certos paizes, que Deus é o amor, mas vejo que tambem se póde dizer, sem erro, que o amor é Deus. Sim, o amor é o soberano senhor do universo.

«Não receies, que eu te deixe de amar algum dia, ó tu, a mais querida dentre todas as mulheres! O fogo póde cessar de queimar, a agua de molhar, o sol de espalhar o seu benefico calor, o proprio Deus póde cessar de amar, mas eu hei de amar-te eternamente. Sou teu como tu és minha. Nossos corações 'não fazem mais que um.»

Fiquem convencidos todos que os que escrevem taes cartas de amor sabem amar. Esses tambem entendem a linguagem dos olhares, tambem usam da linguagem muda dos olhos, vivem dos extases que consomem, de suas amorosas reservas, de seus doces enlaces, de suas fingidas indifferenças, tudo que intensifica emfim o amor. Não obstante, o amor entre os hindús, a technica desse amor, si posso exprimir-me assim, differe do amor entre os outros povos. Ha nelle subtilidades que escapam sempre a um estrangeiro.

O hindú ama a mulher que desposa, e deve amal-a. Elle só a vê pela primeira vez no dia em que tem de conduzil-a perante o altar.

A carta de amor, cuja traducção aqui se fez, não é de um noivo ou namorado á sua noiva, ou á sua bem-amada, mas de um esposo á sua esposa.

Idyllio indiano

E' só depois do casamento que o homem começa a fazer a côrte á mulher.

Este costume encerra vantagens e inconvenientes. Impede muitas fugas, si é causa de grandes decepções. Qualquer que seja o resultado, ventura ou desgraça, o acto está realisado, consumado o matrimonio.

Na India são os paes que preparam o casamento de seus filhos. São auxiliados pelos agentes matrimoniaes, especie de caixeiros-viajantes casamenteiros.

Para o exercicio desta lucrativa profissão, é preciso, como é facil de calcular, ter a exposição facil e muita imaginação. E' preciso saber apresentar a mercadoria, isto é, a joven ou o joven, com as mais seductoras qualidades.

A mais tola e feia rapariga tem de ser apresentada como a mulher mais bella e mais interessante da terra. De um joven, só dispondo da mais crassa estupidez, é preciso fazer uma especie de genio.

O officio, quando se quer que elle renda, demanda de talento e de grande eloquencia persuasiva.

Logo que o casamento se realise, o agente matrimonial recebe os seus honorarios e, os presentes em relação com a fortuna de seus clientes, e desde ahi nada mais tem com o caso.

Pouco se lhe dá que o casal se sahisse bem ou não, pois sabe que, mais cedo ou mais tarde, tudo se arranjará.

Mas si esses advogados do amor são irresponsaveis na sua propaganda, o mesmo não se dá com os pais dos noivos, que nisso são duplamente prudentes.

Elles passam as suas noras por um exame mental dos mais serios, collocando-as em posição difficil diante das numerosas e dificeis perguntas que lhes fazem. E' submettida a outro exame quasi todo relativo ás suas qualidades physicas.

Lê-se em sua mão o que a sorte lhe reserva, tira-se o seu horoscopo, prende-se o seu cabello para ver o comprimento, informa-se da visinhança do seu caracter, examinam os seus dentes, fazendo-a rir.

O noivo passa tambem por um exame, mas menos meticuloso que o da noiva. Os paes desta indagam primeiro dos professores, quanto ás suas esperanças sobre o rapaz, e quaes os seus projectos de futuro.

O horoscopo parece representar importante papel nos casamentos hindús. Si os astros, sob cuja influencia nasceram os noivos, não correspondem ao bom futuro desejado, é quasi certo não se realisar o casamento, porque a superstição se mette de permeio.

Dizem que, si duas pessoas cujos astros de nascimento estão em opposição e mesmo assim se casam, um dos dois é votado a uma morte proxima ou ambos a uma vida de perpectuas disputas conjugaes.

Será preciso dizer que na India, como em toda a parte, as questões de dinheiro representam um grande papel no matrimonio? Absoluta-

Não se póde agradar a todo mundo e a seu... marido

A joven esposa

A sogra

mente não. Quando o casamento é decidido, a cerimonia realisa-se numa tarde propicia. Reunem-se os jovens, e emquanto varios musicos executam peças apropriadas ao acto e que se queimam girandolas de foguetes, salvas ou outros fogos de artificio, o enlace é celebrado diante do fogo sagrado do sacrificio.

Terminada a cerimonia, o pae entrega a filha ao esposo, dizendo:

«Segue para casa de teu esposo e sê sua senhora como senhora de tudo, e exerce tua autoridade sobre tudo que existir em tua casa. Deixa vir a ti os filhos, que as benções os acolherão. Cumpre os teus deveres de esposa com cuidado.»

Depois destes conselhos paternaes, a desposada e o esposo fazem em commum a préce seguinte:

«Possam os deuses unir os nossos corações. Possa o Deus da maternidade, o espirito da sabedoria, da pureza, da bondade manter-nos sempre unidos. Que o senhor da creação nos conceda filhos para a nossa felicidade e até á nossa morte.»

Em seguida, o que dizem os livros sagrados da India, «a mulher é a metade do homem, ella é a sua mais sincera amiga.»

Costuma-se dizer que uma mulher amante é uma perpectua primavera de virtudes de alegria e de riqueza; que uma mulher fiel atrae para seu esposo as benções celestiaes. Uma mulher de vóz suave e doce é uma companheira na solidão, um conselheiro prudente e sabio, uma mãe em todos os momentos de angustia e difficuldades, junto á qual se esquecem todos os amargores da vida.

Na mocidade, os rapazes sonham ter por mulheres modelos de bellesa. Si elles não encontram o seu ideal, a alma irmã que haviam creado em seus sonhos, só se sentem illudidos por um instante.

Vi um dos meus amigos chorar amargamente quando, no dia do seu casamento, descobriu o rosto daquella que lhe era dada por esposa. Hoje, entretanto parece ser o homem mais feliz da terra, e esse lar modelar possue filhos gentis que constituem a sua graça e a felicidade da vida do casal.

O hindú resolve-se depressa a acceitar com resignação o seu destino, é fatalista, crê na sua sorte, bem como que todos os pezares e decepções que descem para elle do reino do Deus misericordioso já lhe estavam destinados como castigo de suas más acções, de que se torna culpado durante toda a vida.

Esta maneira philosophica de encarar a vida permitte-lhe consolar a si mesmo e viver feliz no lar da familia.

O homem e a mulher decepcionados tomam então o partido de habituar-se bem cedo á sua sorte e consolar-se com ella. Uma vez tomada esta resolução, não demora que elles se amem reciprocamente com amor sincero.

O poeta diz a verdade quando affirma, falando do cerebro: elle póde fazer do paraizo um inferno e do inferno um paraizo.

As scenas conjugaes tambem existem entre nós. Lembrome de que em certa manhã, em Calcuttá, fui despertado, á 1 hora da manhã, para procurar um joven marido que, depois de uma disputa conjugal, tinha abandonado o lar.

Depois de varias horas de buscas e de investigações, fomos encontrar o culpado numa casa amiga a nove kilometros da cidade. Consentiu em voltar ao domicilio e, quando dahi nos retirámos, deixámos os dois esposos a rir e a brincar, como si nada tivesse acontecido.

Na India, a praxe inveterada quer que o marido leve sua mulher para casa dos sogros onde deve viver com todos os membros da familia que se compõe, quasi sempre, de vinte ou vinte cinco pessoas.

E' evidente ser preciso uma grande diplomacia para viver em paz com todo esse pessoal. Para chegar a esse resultado, acontece muitas vezes á esposa ter de desgostar ao marido, pois não se póde agradar, como se diz na Europa, ao mesmo tempo, a todo o mundo e a seu pae. Accrescento eu: e a seu marido.

Por entre os hindús orthodoxos, é habito viver a mulher em sua *zenana* (habitação das mulheres nas Indias orientaes) e sempre velada.

Durante o dia, não tem o direito de ver o marido, mas isso não impede que os dois sejam surprehendidos muitas vezes a lançar um ao outro olhares amorosos. Esta separação obrigatoria torna o seu amor mais intenso.

O costume exige que uma viuva seja mantida pela familia de seu defunto marido Um cunhado, por mais pobre que seja, não recusará seu auxilio á viuva de seu irmão, mesmo que seja preciso impor privações á sua familia.

A esphera da actividade reservada á mulher hindú é bem reduzida. Deve-se isso á falta de liberalidade na educação feminina, mas não impede que a mulher seja sempre a rainha do lar. Ella exerce uma séria autoridade sobre todos os homens da casa. A palavra *mulher*, diz um grande reformador hindú, foi definida como um adjectivo para qualificar o nome do homem. Será mais certo dizer que *homem* é um substantivo subordinado ao verbo *mulher*.

Vi homens, verdadeiramente tigres, fóra de casa, mas nesta, em presença de suas mulheres, tornavam-se cordeiros.

E' bem verdade que a mão que embala o berço da creança é tambem o poder que dirige o mundo.

O respeito que tem o hindú pela mulher é instillado em seu cerebro desde a sua mais tenra idade.

As Escripturas lhe ensinam que aquelle que enganar uma mulher, engana a propria mãe, e que aquelle que é enganado por uma mulher é maldito por Deus.

As lagrimas de uma mulher attraem o fogo, a vingança do céo para aquelle que as faz derramar. Desgraçado daquelle que ri dos soffrimentos de uma mulher, pois Deus nunca rirá de suas preces.

Senhoritas Elsa Martins, Isaura Martins e Elsi Dias, residentes em Laguna - Santa Catharina

MODAS E MODOS

A simplicidade continúa a ser o caracteristico dos vestidos actuaes, que se harmonisam muito bem com os reduzidos orçamentos a que somos obrigadas nesta quadra angustiosa da tremenda crise que a todos assoberba.

Nós apresentamos neste numero do "Jornal das Moças" alguns modelos variados e de perfeito accordo com as ultimas innovações da Moda.

O vestido genero *tailleur* está na ordem do dia, usando-se muito, tanto para passeio, como para visita, feito em finissimo panno, gabardine, sarja de lã, cheviotte, *charmeuse*, sêda, taffetá, marquisette, etc., os tecidos de lã para passeio e os de sêda para visita e até para outras cerimonias.

As fórmas variam segundo as pessoas a quem se destinam ; assim para senhoras altas e delgadas, fazem-se *redingotes* muito compridas, justas na cintura e cortadas na extremidade em feitio de *cloche*, isto é, bastante largas ; para senhoritas de estatura mediana usam-se pequenas jaquetas e paletós ou boleros bastante curtos, abrindo sobre blusas, collete de tecido differente, terminando com golas Medicis.

Quanto ás blusas, as confeccionadas em cambraia e gaze *chiffon* são consideradas como uma parte escencial das *toilettes* actuaes.

E, com effeito, ha justos motivos para isto : é fresca e agradavel e o seu matiz claro torna-a aprazivel e dá ao conjunto da *toilette* um tom alegre e uma nitidez apreciaveis.

Hoje, as blusas se orientam para o genero "chemisier", mais estricto, mais correcto, menos transparente do que as que se usavam antes e que se adaptavam muito bem ás saias modernas.

Os principaes ornamentos são as prégas e as aberturas. As prégas muito finas, nas blusas de linon, se grupam, muitas vezes, num plastron de aspecto masculino e as blusas de crépon, de apparencia muito simples, tambem se realçam, varias vezes de bordados de côres, á mão.

Finalmente o linho branco ou escuro, kaki ou azul, compõe blusas frescas e solidas ao mesmo tempo. Ornadas de bolsinhos cortados por um cinto, de longas abas, ellas são de aspecto marcial como uma tunica de official.

Vestido de batiste branca, saia com tunica em ponta, com bordados, blusa franzida na cintura, com enfeites de renda ou laise

A nota de elegancia é o collarinho leve, o gracioso collarinho de musselina suissa bordada de "plumetis".

Aproveitamos esta opportunidade para dizermos ás nossas gentis leitoras que a fórma curta das saias está sendo exagerada e isto não convem absolutamente, por motivos faceis de comprehender.

O exagero no assumpto moda, repetimos mais uma vez, descamba quasi sempre para o ridiculo.

O que a moda exige é que a saia desça até á altura do tornosello, deixando ver apenas o *cano* das botinas altas de panno, gaspeadas de verniz.

As botinas podem ser de abotoar ao lado ou borzeguins com cordões de sêda, de harmonia com a cor da *toilette*.

×

Quanto aos chapéos, tornam-se innumeraveis e differentes.

O "canotier" está dominando. Bem afundado na cabeça, inclinado lateralmente, guarnecido de plumas leves ou sem ornato, elle tem um aspecto heroico e audaz. Mostra muito bem que ha influencia da guerra sobre a moda.

O "canotier" discreto, modesto e intrepido, é, pode-se dizer, um momento da historia.

×

Approxima-se a época lyrica, e a moda actual, a constante preocupadora das nossas gentis patricias, impõe a **luva** como elemento indispensavel para ser **chic.**

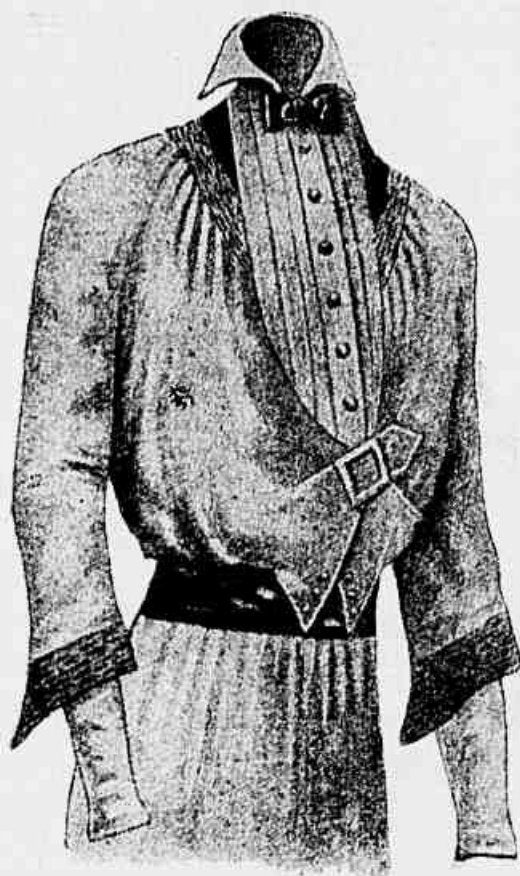
De facto a luva, completa a *toilette*, dá a nota de bom tom, e de uma suprema distincção e elegancia.

JORNAL DAS MOÇAS

Tres toilettes modernas: 1.ª em taffetá floristado combinado com linon branco guarnecido de velludo estreito, saia dupla, corpete aberto e golla alta de rendas ou laise, cinto largo de velludo preto ou setim liberty; 2.ª em taffetá de quadrinhos, guarnição de velludo preto, saia de tres secções; e 3.ª, para tarde, em taffetá ou voile, enfeites de renda chiffon, cinto de setim com laço cahido.

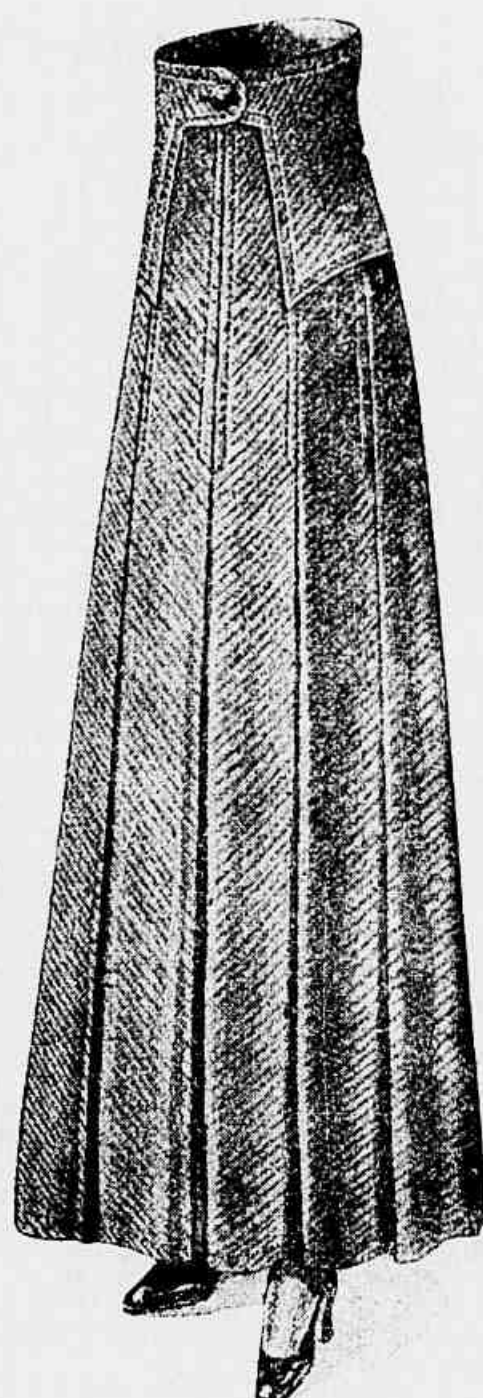
ELEGANCIA E SIMPLICIDADE

Duas vistosas toilettes para passeio, ultimas creações da afamada casa Verrize que podem ser confeccionados em taffetá quadriculado, azul claro, ou seda com guarnições de *soutache*.

ULTIMOS MODELOS

Blusa em crepon *mauve*, ou musselina cor de champagne com peitilho de linho branco, golla virada e gravata feita de laço pequeno.

Blusa de seda cor de rosa, gol la alta de linho branco bordado, fechando a frente por uma carreira de quatro botões, enfeites de soutache de seda.

Saia em sarja cinzenta-claro, frente lisa e pregueada dos lados.

Costumes tailleur, actualmente muito em moda e que podem ser confeccionados, em tecido escuro de lã; cheviotte, cachemire, sarja, etc.

Saia moderna em cheviote azul pregueada.

Tres vistosas toilettes: a 1.ª confeccionada em foulard branco e preto; a 2.ª em musselina floristada, e a 3.ª em baptista branca, com bordados ou rendas, cintos de setim preto.

Torneio Charadistico

Primeiro toneio: — Foram vencedoras do primeiro torneio as seguintes charadistas: Colibri, em primeiro logar; Chrisanthéme d'Or, em segundo; e Roitelet, como autora do melhor trabalho.

As illustres e distinctas collegas poderão vir á nossa redacção, quinta-feira proxima, das 3 ás 4 horas da tarde, para receberem os premios, a que fizeram jus.

SEGUNDO TORNEIO

Problemas ns. 51 a 54

Charadas novissimas

1-1-1 — Não é boa se zomba da primeira mulher.

Carolina da Fonseca.
(Campos)

2-1-1 — O Pão de Assucar do Rio de Janeiro é uma pedra.

Melpomenes.

1-2 — A letra não vê a fructa.

Singella.

2-2 — Naquelle logar a ave come herva.

Celina Muniz.
(Catende)

Problema nº. 55

Charada apherisada

3-2 — Offertei um presente a esta moça.

Chrisanthéme d'Or.

Problena nº. 56

Charada em anagramma

5-2 — E' excellente attribuir.

Garota Nonicia.

Pedro Vilardo
nosso distribuidor na Praça da Bandeira, um bom auxiliar do "Jornal das Moças".

Problema nº. 57

Charada syncopada

4-2 — Esta lingua é propagada com ardor.

Junulino.
(Petropolis)

Problema nº. 58

Charada em metagramma

6-2 Este tribunal é um cumulo!

Clio.

Problema nº. 59

Enigma

Entro no torneio, que alegria! Bem recebida pelo Mestre Orama, apezar das minhas diabruras, ah! ah! ah!...

Como moça bem educada, cumpro um dever saudando as minhas gentis collegas e offerecendo-lhes este pallido trabalho, inspirado n'um da lavra do *Campeão Mundial D. Ravib*, publicado n'*O Imparcial*.

Gosto de rir e de brincar, pois ha pouco deixei as minhas bonecas, mas, apezar de minha saia curta, espero dar tratos á *bola* dessa avalanche de charadistas. Ah! ah! ah!

Vou dizer a que venho, é segredo, e como sei que todas nós não podemos possuil-os por mais de um minuto encubro-o na forma de um enygma. Vi uma nossa collega moça bonita e chic, n'um namoro com não menos lindo e robusto rapaz.

As collegas mais ladinas que descubram os seus nomes e digam reservadamente ao Orama.

EU + EU

Menina de Chocolate.

AVISO

Previno ás gentis collegas que devem obedecer os prasos determinados para a remessa de decifrações., os quaes foram publicados nos numeros 24, 25 e 26 desta revista.

O segundo torneio termina neste numero.

CORRESPONDENCIA

Celina Muniz (Catende) — O ramalhete de flores pernambucanas está em formação, por isso, a vossa collaboração só pode ser agradavel e de cordial aceitação. (Não estou rimando).

Farfalla Azzurra — O nº 29 será enviado.

Menina de Chocolate. — Agradecemos a offerta. Por falta de espaço não foi publicado o vosso bello enigma em prosa no numero passado, cujo original ficou extraviado nas officinas typographicas. Peço-vos a fineza de enviar-me copia desse trabalho.

Colibri, Crysantheme d'Or e Roitilet. — A menina de Chocolate vos felicita pela victoria do primeiro torneio.

Manon Lescaut. — Penso que a vossa amiga labora em equivoco, pois tenho as cartas em que ella enviou as soluções e verifiquei, ao revel-as, que não pratiquei injustiça. Convém que ella envie tambem as soluções dos seus trabalhos e que reclame immediatamente, quando houver divergencias.

A vossa collaboração e a della nos são de grande interesse e rogamos que continuem a collaborar.

Carolina da Fonseca. (Campos) — As flores campistas tambem têm logar na nossa modesta secção.

Mystica — Com a vossa estréa somos forçados a estudar o "mysticismo" e deixamos a collega mysteriosa com honras em nossa casa.

Cecilia Netto Teixeira. — Sciente e satisfeito o vosso pedido.

Gentil Malveiros — A secção é somente do bello sexo.

Verde Stella — No proximo numero sereis attendida.

Ailez, Roitelet, Colibri, Clio, Menina de Chocolate, Chrysanteme d'Or e **Melpomenes.** — Recebidos os trabalhos e as decifrações.

Stael da Silva Pontes — Como explicar o carimbo do correio de Botafogo em vez do de Caeté?

Euterpe, Isabel Aguiar, Mercês — Recebemos.

Balbina Garcia da Silva e **Noemia Freire.** — Não quereis usar pseudonymos?

ORAMA.

COUPON
Torneio charadistico para moças.
Voto no problema n.º
....

COUPON
Torneio Charadistico para moças.
1—9—915

Canção do Bohemio

Deus fez a vida da flôr
Curta, mas bella e completa
— E cheia de anceio e dor,
Tão longa, a vida do Poeta. . .

Sonho, anceio, pesadello,
São dores que não tem fim
E eu trago na fronte o sello
Dos que soffrem tanto assim...

Brilham estrellas no Céo,
—Nem tenho olhos para vel-as!
Ai! quem é que andando ao léo
Não chora, olhando as estrellas?...

Estrellas, de vós sou filho! —
Ninguem m'o pode negar,
Pois de vós me vem o brilho
De um doce e materno olhar...

Nas ondas verdes do mar
Fallam sonhos do passado,
E na praia vem deixar
Um soluço amargurado . . .

Ai! das ondas no gemido,
No derradeiro estertor,
Falla o queixume dorido
Das virgens mortas de amor. .

Mas feliz de quem soffrer
Da morte o golpe profundo
E bem cedo poder ter
Seu noivado no outro mundo...

Na vida ha martyrios tantos,
Ha tantos golpes fataes,
Que nem no claustro dos Santos
Póde um mortal soffrer mais . . .

Morre o sonho! — Nada existe,
Nem paz, nem luz, nem carinho,
E quem ama vive triste
Bem como uma ave sem ninho...

A ambição, poço sem fundo,
Tudo abraça e nada tem,
E o amor morreu para o mundo...
— Devemos morrer tambem!...

Rio 15 *Pedro Borges da Fonseca*

Parahyba do Norte
MARIA e DALILA, filhas do coronel Francisco Galdino d'Almeida Areias.

AVISO

Para evitar abusos e explorações, avisamos aos nossos amigos e ao commercio em geral que o «Jornal das Moças» não tem agente viajante e que os annuncios não são pagos adeantadamente.

Ao cahir do dia no campo

(COLLABORAÇÃO)

No azul pallido do céo o sol morria. O fundo do horizonte estava orlado de uma sombria fila de arvores, em cujos cimos os ultimos raios do sol faziam fulgurar uns tons de ouro.

Assim illuminada, a paysagem tinha um aspecto encantador e parecia uma tela, producto da imaginação sonhadora, ou de um artista genial, ou então, preparada pela varinha magica de uma fada prodigiosa, como tantas vezes temos lidos nas narrativas infantis.

O sol afundando-se no poente, em radiosa apotheose de luz, dava aos arbustes do campo, e dos jardins uns deliciosos e suaves tons avermelhados.

Uma brisa meiga e ligeira perpassava de leve por entre as frondas dos arvoredos e nos trazia o perfume inebriante das flores agrestes.

E assim agonisava o dia, lentamente, envolvendo a nossa alma em uma doce melancolia inexplicavel.

E a noite destendeu seu amplo e denso véo, e substituiu aquellas encantadoras tonalidades por uma escuridão que acabrunha o pensamento e confrange o coração.

Esther E. Cabral Fagundes

São constantes as reclamações que recebemos sobre faltas na remessa do «Jornal das Moças», cuja expedição é feita com o maximo cuidado. Pedimos aos nossos agentes que façam as suas reclamações em carta documentada com todos os esclarecimentos para que possamos agir convenientemente.

Club de S. Christovão — Reunião intima

A' memoria de meu pae
Frederico Mariath :: :: ::

PIETOSO RICORDO

ROMANCE PARA PIANO

Alzira Mariath

Repetê toda a lettra A.
8a
1a vez
8a
2a vez
Final
Repetê toda a litra A e segue o final
8a

A VIDA

A VIDA é uma viagem imprevista.

Fazemol-a em circulo: — o ponto de partida é o ponto de chegada. Com a differença que, quando partimos deixamos um berço, quando chegamos, achamos um tumulo.

No percurso da viagem, encontramos tres marcos: a Infancia, a Juventude, a Velhice.

Do ponto de partida para o primeiro marco, o caminho é sempre atapetado de flores mimosas e delicadas; o ar impregnado de perfumes doces e inebriantes; o céo é sempre limpido e anilado. Ouvimos gorgeios e canções maviosas, sons de harpas e harmonias celestes aos quaes juntamos tambem nossos cantos de alegria.

Tenente Jacy Lopes

Deste para o segundo marco, o campo é mais vasto.

Aqui e alli encontramos folhas amarellecidas por entre flôres já desbotadas.

O céo empallidece por alguma nuvem frigida; ouvimos ruflos de azas, pipilar de aves implumes, cantos repassados de uma doce melancolia, aos quaes juntamos tambem nossos cantos e suspiros.

São os bandos das illusões . . .

Do segundo para o terceiro marco, o campo è pedregoso e esteril.

De longe em longe, algum cardo agreste levanta para o infinito os seus braços, donde pendem fructos vermelhos como lagrimas de sangue.

O céo é negro e pesado.

O vento passa gemendo por nossa fronte macilenta, emquanto um corvo insaciavel nos despedaça a alma.

E seguimos: curvados, exangues e cançados, ora subindo, ora descendo serras alcantiladas.

Ao longe, alvejam as ossadas dos sonhos e das illusões...

Uma ou outra vez passa uma ave mysteriosa.

E' a esperança que adeja . . .

Alem, uma luz bruxoleia.

Chegamos. Que vemos?

Um fosso, um cirio, uma cruz . . .

E das flores da Infancia, para sempre fenecidas, resta-nos apenas, e essa mais viçosa, a flôr melancolica da Saudade.

São Paulo—Agosto de 915.

Jacy Lopes

Terpsychore Gremio

Mais uma bella reunião proporcionou no dia 14 do mez passado a digna directoria d'este futuroso gremio á distincta sociedade que o frequenta.

As dansas que se prolongaram até alta madrugada correram na maior animação.

Prevenimos aos nossos amaveis leitores que devido á conflagração européa, ha grande escassez de papel de impressão, o qual subiu de preço extraordinariamente, obrigando-nos, bem contra nossa vontade, a empregar nas ultimas edições do *Jornal das Moças*, papel assetinado em vez de papel *couché*.

Fazemos esta declaração fiados na complacencia de nossos leitores, de cuja protecção e preferencia tem vivido e prosperado esta modesta revista.

O Commandante e a respectiva officialidade do vapor nacional ANNA, da qual faz parte o nosso amigo Carlos de Souza Martins (o 2.º de pé, a contar da direita)

A garciosa e gorducha Ussonina,

Anninha

A graciosa filhinha do Dr. Antonio Ferreira de Abreu

E's a linda borboleta,
Que voando inconsciente,
Beija as flôres do jardim,
Terna, casta e docemente.

Tens nos labios purpurinos
O sorriso da clemencia;
E nos olhos divinaes
Todo o brilho da innocencia.

Tua voz melodiosa,
Com que exprimes teu sentir
E' o arpejo d'uma lyra,
Que nos faz amor fluir.

E's a estrella fulgurante,
Que rutila meigamente,
Para aquelle que te fita,
E feliz logo se sente,

E's em fim, a rica joia,
De teus pais, bella criança;
E's o emblema da belleza,
E o soriso da esperança.

No teu ridente natal,
Quiz com flôres te brindar;
Porem, não me foi possivel
Flôres, flôres te offertar.

Fui, por isso, junto ao altar,
Para em prece fervorosa,
Invocar ao Creador,
Que tu sejas venturosa.

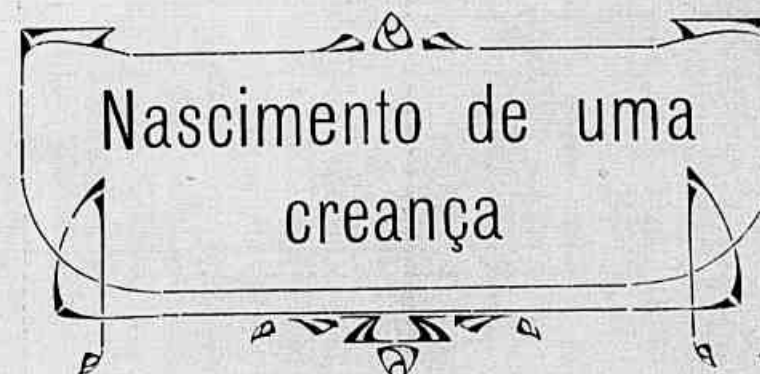
Vou fechar este sacrario,
Que contem estes versinhos;
Que são flôres p'ra teus annos,
Todos cheios de carinhos.

Jean A.

Rio, 30-7-915

Léo Côrtes, galante filhinho do Snr. Cap. José Machado Côrtes Residente em Manhuassú (Minas)

A intelligente Delorme, 3.º premio do 2.º concurso infantil

Nascimento de uma creança

Loura, desse meigo louro
Que se vê pelos trigaes,
Semelhante a espiga d'ouro
Para enriquecer os paes,

Veio com a luz da alvorada
Como um anjo que desperta,
Tão risonha e tão corada
Como uma romã aberta.

Ella nasceu, coitadinha,
Envolta num branco véo,
Como alma pura que vinha
Ser na terra anjo do céo.

R.

MORTE DE SOLDADO

(Trad. do italiano)

A neve cáe lenta, flóco a flóco, sobre a extensa campina, cobrindo-a toda com seu branco manto e dando-lhe assim um aspecto desolador e lugubre.

De espaço a espaço, ouvia-se um longinquo troar de artilharia repercutindo sinistramente como um grito suffocado.

Um homem avança a cambalear, depois cáe, procura erguer-se, sustendo-se nas pernas vacillantes. Sente-se abatido, prestes a cahir em deliquio.

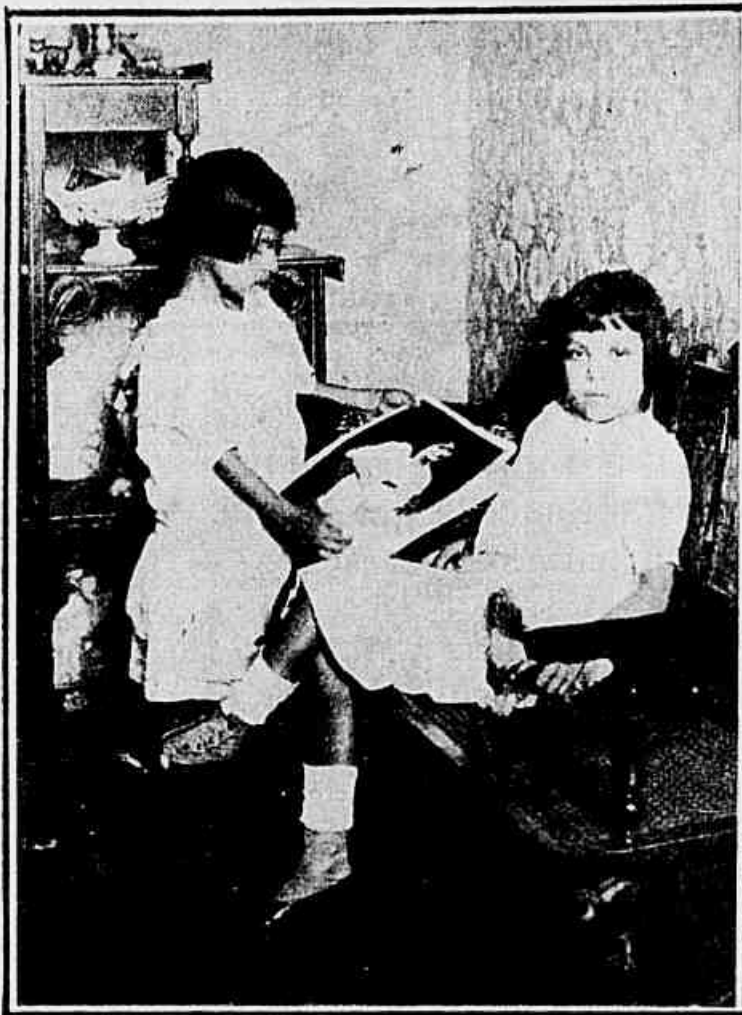
De quando em quando é forçado a firmar-se e comprime com as mãos a cabeça coberta do sangue que espadana copiosamente da testa ferida, deixando uma viva e rubra esteira sobre a neve.

E' um joven soldado, unico sobrevivente de uma heroica companhia de guerra. Um a um, elle viu cahir os companheiros, mas com indomita coragem soube bater-se até ao fim, com desprezo da propria vida, pulso firme, olhar seguro até que lhe faltaram as forças.

Sentindo-se só agora, repara que está ferido e, esgueirando-se pela neve por entre os cadaveres dos infelizes companheiros, afastou-se da linha da frente, onde o fogo era mortifero.

A alguns passos mais, as pernas fraqueiam, vergam-se e elle cáe pesadamente. Procura em vão levantar-se, não o consegue.

A vida se lhe vae fugindo e um triste lamento se lhe escapa dos labios exangues. Delira, murmurando palavras entre-cortadas, indistinctas. Os olhos se lhe dilatam, os membros se recurvam, a morte está prestes a colhel-o.

Nessa suprema agonia, uma doce visão lhe sorria a consolar-lhe os ultimos instantes é uma modesta casinha onde passou a sua risonha mocidade, entregue aos brandos e affectuosos carinhos de sua cara mãe, curvada agora ao peso

Dinah e Irene Amorim, amiguinhas e admiradoras do "Jornal das Moças", gentis filhinhas do Sr. capitão Raul C. Amorim residente em S. Christovão

dos annos. Esforça-se para mirar bem junto aos labios naquella hora extrema uma photographia dessa extremecida velhinha, e beija-a de instante a instante, a chorar.

Esse retrato que lhe invoca nomes queridos como só a lembrança de uma mãe póde fazel-o, parece dar-lhe nova energia.

Com um esforço supremo ergue-se, luzem-lhe os olhos com extranho brilho. Os braços estendidos como que querem estreitar qualquer cousa. Depois, cruzam-se sobre o peito, emquanto elle murmura: — "Mamãe... mamãe... encommendo-me a ti e para sempre! Enxuga-me o pranto e oscula-me, minha mãe! Sou o teu filho"!

Retoma, vacillante, o caminho começado. Em seu rosto transparece um raio de alegria. Depois, cae, como que anniquilado, inconsciente, chamando ainda e até ao fim: Mamãe?... mamãe?...

Um estertor, um ultimo lamento que se lhe escapa dos labios e cerra os olhos, para nunca mais abril-os á vida, o humilde e heroico soldado, sob a doce e cariciosa visão da pobre velhinha que hoje o chora inconsolavel.

A neve continúa a cahir lentamente, floco a floco, a cobrir tudo em torno...

Sylvio.

MILAGRE

Para os alumnos do Cathecismo do Meyer.

Conheço uma capella antiga onde existia
Um Christo de marfim crucificado e grave.
Ao pé da sua cruz a virgem mãe se via
De lacrimoso olhar numa expressão suave.

O tempo a derrocou do altar á sacristia
Como o tufão desfaz um debil ninho d'ave!
E o Christo macerado e a imagem de Maria
Ficaram na nudez da solitaria nave.

Um dia a cruz tambem, já velha e combalida
Como um corpo que sente abandonar-lhe a vida,
Tombou ao vir do inverno a rigida nortada...

E a virgem sacrosanta, estoica, inanimada,
Julgando ver no espaço o corpo de Jesus
Ficou, fitando sempre os paramos da luz.

Pierre Luz.

Olga e Maria Pinheiro, galantes filhinhas do Sr. Manoel Pinheiro, proprietario do Hotel Pinheiro, em Campinas, Estado de S. Paulo.

MIGNONS

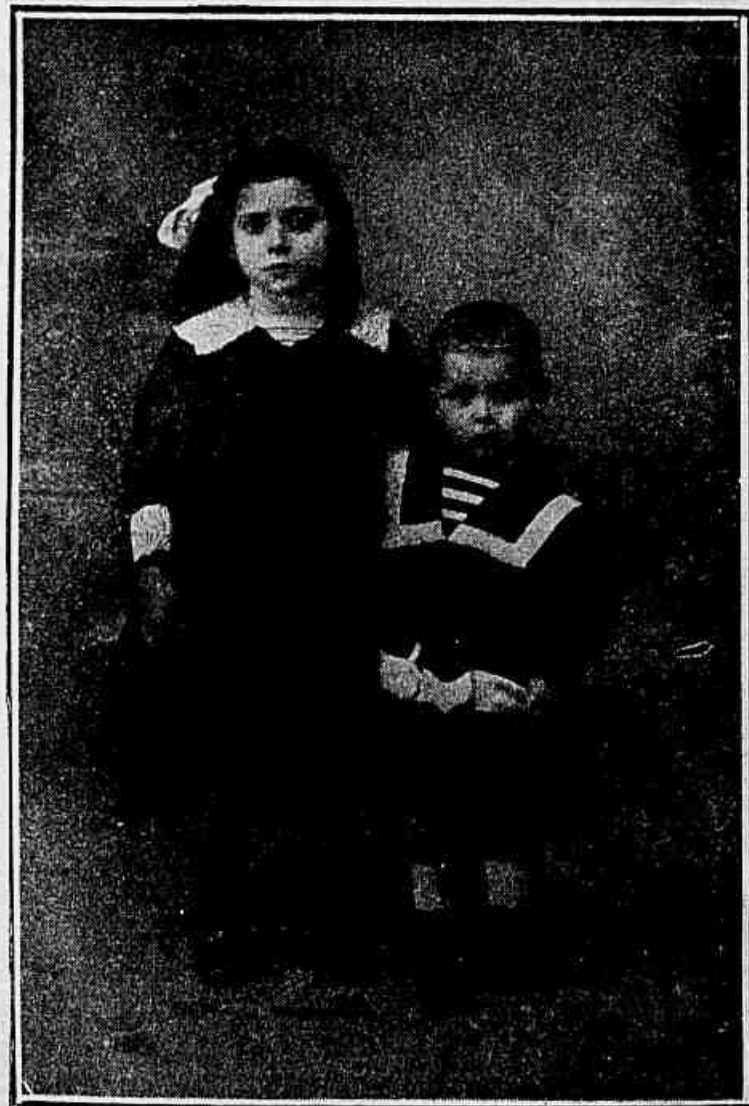
Ao amigo José Lobo

HYLDA, esta linda criança
Que conta apenas 3 annos,
Gordinha, de olhos maganos,
E' dos papás a esperança.

Seus desejos, soberanos
Mandados são. Não se cança
Hylma, esta linda criança,
Nos doudejares insanos.

E' verdadeira maitaca,
Tagarela, a todo o instante
Tudo em reboliço traz.

Entre amigas se destaca
Por ser linda, insinuante,
E' o enlevo dos papás...

Humot.

Clotilde e Manoel, interessantes filhinhos do Sr. Martinho Ferreira Festas.

CONCURSO INFANTIL

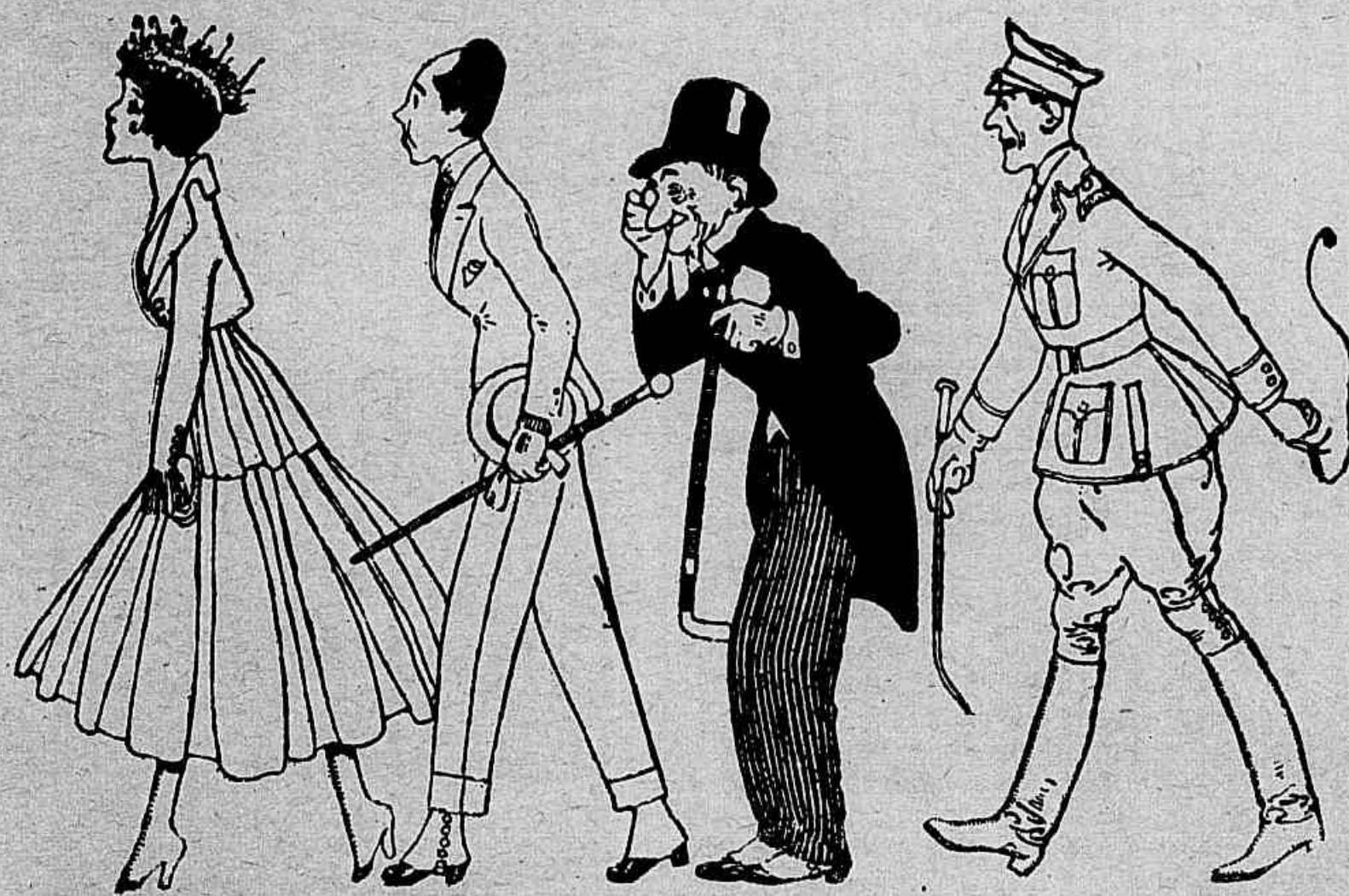
O nosso 3.° concurso foi muito concorrido, infelizmente, porém, alguns dos nossos amiguinhos erraram nas soluções.

Damos em seguida as soluções certas, o resultado do sorteio e a relação nominal dos nossos amaveis leitores, collaboradores desta secção.

Foram sorteados os seguintes concurrentes:

1.° premio — Nair de Andrade, rua Pereira da Silva n.° 102.
2.° premio — Amancia Alves, Paracamby.
3.° premio — Nair Guimarães, rua Barão de Ubá n.° 19.

RESPOSTAS E PERGUNTAS

Quaes são as mulheres que vivem sempre á janella?
— **Venezianas.**
Que é que os frades trazem á cinta e as mulheres nas saias?
— **Cordões.**
Onde se deve collocar um chapéo para não cahir?
— **No chão.**
Quando Jesus Christo estava na casa dos 13 para onde ia?
— **Para a casa dos 14.**

A gravura que forma uma interessante scena

Jacintho Lopes, João B. Pereira Junior, Maria Judith Bello, Joaquim Moraes Costa, Alcides de Oliveira, Alvaro Lopes Linhares, Vivina de Almeida, Aurea Maria Monjardim, Anna Ribeiro Dantas, Isaulina Pereira Andrade, Antonio S. Lacerda, Yvonne Celierte, Maria Dantas, Paulo Demby Corrêa, Olivinha Bayão, Delorme Bittencourt, Noemia Freire, Maria de Lourdes Camargo, Thide Santarem, Marianna Baptista, Aurea Tostes, Inah Miracy Borba, Annita de Magalhães, Roberto Bandeira Acioly, Nila Martins, Iracy Torres, Maria da Conceição Cadilhos, Werner Durrer, Nair P. de Andrade, Americo Alves, Iracy, Nogueira, Olga Gonçalves, Italino C. Vieira Armando C. Clemente, Herman Guimarães, Gelson Cardoso, Octavio Roque, Carmelia Aguiar, Haydéa Bergamini, Hamilcar de Almeida Rosa, Nair da Costa Mesquita, Maria Pinho, Edyla Tibau Ribeiro, Annita Carvalho, Maria do Carmo, Britto, Lisando Alves, Maria do Carmo Fioravante, Naide J. Ramos, Nair Guimarães, Edith Rodrigues, Moacyr Rangel, Ligia Machado, Joaquim Dias, Juquinha, Maria Rosa, Josephina Guimarães, Maria do Carmo da Rocha Vaz, Pedro Nunes, Diva Ribeiro, Carlota Silva, Noemia Duque, Marianinha, Alida Hartley, J. Miguel da Cruz, Elsa B. Dias, Fernando Meira, Helena Peixoto, Ernestinho Ascoly, Evaristo P. dos Santos, Flavio Barbosa, Marcilio Dias, Marin Cozzolino, Arthur Pereira Mattoso, Racine Pereira, Dédé, Iracy Porto, J. Miguel da Cruz, Dias Silva, Dagmar Coelho, Marietta Rodrigues Neves, Luiza Santos, Nair da Costa Mesquita, Conceição Tavares, Francisco José de Moraes.

O CÃO RUIVO

(J. H. ROSNY, AINÈ)

Era um grande diabo de cão arruivascado, preguiçoso, voraz e cheio de medo. Dormia dez horas por dia, cortejava todas as cadellas da região, bebia como Gargantua e fugia deante de qualquer cãozinho. O cão deitára-se á beira de um campo, onde suspirava como um homem. As costellas lhe appareciam como arcos de pipa, o pêllo estava secco e despolido, os olhos fundos, exprimiam fome e desespero. A' passagem de Carlos, levantou-se sobre as patas descarnadas e, com um fraco gemido, demonstrou a sua angustia. O caminhante deteve-se e olhou para a besta; a besta olhou para o caminhante. Foi um dialogo nitido, preciso, profundo, como não o reproduziria o verbo. O cão dizia: "Se tu não me levares, estou perdido". O homem respondia: "Seguramente, meu velho, pagar-te-ei de boa vontade uma sopa... mas depois? Não deixarás de ser candidato á inanição ou a carrocinha do guarda!" O cão replicava: "Não importa! Ha de se arranjar. Dá-me a sopa mesmo assim!"

Por fim o homem decidiu-se: permittiu ao cão que o acompanhasse e, na hospedaria proxima, lhe fez servir uma cesta de restos. Todo beneficio é uma imprudencia. Cão ou homem que recebe quer receber mais. E a reincidencia cria um direito.

Carlos conseguiu desvenciliar-se do cão, emquanto este terminava o repasto. Mas no dia seguinte, a besta ruiva se apresentava em domicilio. Deram-lhe uma nova refeição; depois aquillo foi como que uma renda. Pouco a pouco o animal se introduziu na casa e se installou.

Teve um ninho e appellidaram-no Chemineau. Sua felicidade foi consideravel: comia á vontade, dormia á sésta, namorava as cachorrinhas da visinhança. Apanhava raros ponta-pés e não se deixava morder pelos outros cães, tendo ao serviço da sua covardia pernas rapidas, um faro subtil e fina astucia. Tal qual era não desagradava. Não se atiraria á agua e muito menos arrostaria á ira de um malfeitor para salvar a vida do seu dono, mas amava a esse dono sinceramente. Mostrava-o por cabriolas affectuosas e latidos cheios de doçura. Carlos não podia mais. Não contava, porém, com Chemineau para prestar-lhe algum desses serviços de que a historia dos animaes, no artigo cão, anda repleta. Dizia mesmo acariciando o animal:

— Tu não farás como os cães de São Bernardo, como os terra-nova, como o cão de Hontargis. Ah! meu ruivo não te vejo em campo fechado defendendo a causa do teu senhor.

Chemineau escutava taes phrases com indifferença um pouco triste somente quando Carlos lhe recusava uma caricia ou se esquecia por muito tempo de lhe dar um pedaço de figado cosido, pois o figado cosido era o objecto supremo da sua gula.

Nesse meio tempo, rebentou a guerra e Carlos foi para a fronteira, onde não tardou a exercer as funcções de cabo. O cão o havia seguido, embora aquella vida cheia de sobresaltos lhe fosse desagradavel. Afinal, elle não se dava conta da gradação dos perigos. No fundo da trincheira, persistia em acreditar-se em segurança atraz do dono; em marcha, dissimulava-se entre as fileiras; durante as cargas, rastejava na rectaguarda. Em summa, prestava serviços; farejava de longe o inimigo e mais de uma vez descobriu laços armados por elle.

Uma manhã de Novembro, Carlos e seus homens patrulhavam a montanha. Uma bruma espumava o horizonte; as arvores, os rochedos, as choupanas tomavam aspectos phantasticos... Houve um momento em que Chemineau ficou inquieto, mas não lhe deram attenção e continuaram a avançar. De repente, a patrulha se achou cortada. Uma descarga retumbou atraz della... Carlos experimentou salvar seus homens. Encontraram um barranco por onde se metteram em passo de gymnastica. Chemineau dava o exemplo: marchava na frente, esforçando-se por não se distanciar muito do seu dono. Carlos resolvera entregar-se ao instincto superior do animal. O caminho era rude, cheio de zigue-zagues e os perseguidores ganhavam terreno, graças aos atalhos.

— Isto vae acabar estupidamente! pensava o rapaz.

Duas ou tres vezes a patrulha se deteve para disparar alguns tiros, aos quaes os outros respondiam, aliás sem nenhum effeito. Chemineau desappareceu.

— Ah! o tunante! disse comsigo o cabo... sentiu que o perigo está proximo!

Entretanto, continuavam a marchar mas os allemães que conheciam melhor á região do que os fugitivos, não cessavam de ganhar terreno...

— Por Garibaldi! exclamava Carlos. Vão matar-nos como a lebres.

Bruscamente, Chemineau reappareceu. Estava cançado, anhelava; approximou-se do dono e poz-se á ladrar de maneira singular. Depois segurou com os dentes o capote de Carlos... Seguiram-no. O cão deixou o barranco e metteu-se por entre as rochas... As balas esfusiavam... Chemineau, voltando-se para o dono, ladrou com energia e desappareceu em uma fenda.

— Entremos! disse Balanne, chacoteando.

A patrulha se encontrou em uma caverna. Percebia-se ao fundo uma abertura. Foi para essa abertura que Chemineau se dirigiu. Ella dava para um abysmo, sobre que tinha lançado uma taboa. O cão arremetteu-se e os homens o imitaram. Quando chegaram a outra extremidade atiraram a prancha ao fundo... Era tempo: os allemães invadiam o refugio...

Os francezes occuparam um corredor muito estreito que fazia angulo recto com a gruta: nenhum tiroteio poderia attingil-os. O corredor, desgraçadamente não tinha sahida, a não ser uma garganta por onde um homem não passaria.

— Recuamos para saltar melhor!

Chemineau soltou dois latidos breves e sumiu-se pela garganta.

O tempo passou. Carlos aguardava os acontecimento com desgosto. Sabia bem que os allemães iriam procurar meios de transpor o abysmo. Por causa da solidão do logar, a espera se prolongava. De quando em quando, um francez ou um allemão atirava inutilmente. Finalmente, ouviu-se um clamor em que as palavras "Das Brett" appareciam por intervallos.

— Estamos fritos! pensou Carlos.

Rastejou ao largo da muralha para ver se poderia impedir a collocação da prancha. Detonações retumbaram; uma bala furou o "kepi" do cabo... Percebia-se entretanto um reboliço. O terreno devia ser pouco propricio pois o trabalho se arrastava. Cheios de uma coragem desesperada, os francezes estavam preparados para a suprema batalha.

Repentinamente ouviram-se latidos; houve um silencio extranho e depois os allemães se puzeram a uivar e a vociferar; uma descarga crepitou, seguida de um ruido de fuga, emquanto os latidos se approximavam mais.

— E' Chemineau! murmurou Carlos.

Logo em seguida os latidos retumbaram na gruta; gritos e chamamentos se elevaram; os captivos reconheceram a voz forte, de cobre do seu Capitão.

Emquanto Balanne voltava para as linhas francezas, soube que a patrulha devia unicamente a sua salvação a Chemineau. O corredor havia conduzido o cão a uma sahida. Menos tenaz e astucioso, o animal teria ficado ao pé das rochas: Chemineau, com um senso exacto do poder humano, tinha-se juntado ao grosso das tropas, e, por seus latidos por seu ar espantado, chamou a attenção dos soldados e do chefe que desconfiaram de um desastre. E o chefe não teve mais a menor duvida quando tendo reunido a companhia, viu o cão retomar o caminho seguido antes pela patrulha.

— Eu me tinha enganado, velho ruivo! exclamou Carlos, passando a mão pelas costas do animal!...

Apezar de tudo, tu fizeste o teu São Bernardo... á tua maneira — a melhor na especie!

Gilberto de Alencar.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

Indio do Brazil— Não pode ser.

Campos de Valle — O postal será publicado; a parodia refere-se a uma poesia muito conhecida do saudoso Francisco Octaviano; os sonetos estão regulares e ficam aguardando a vez.

Arivillo — O camarada calcula, sem duvida, que em poesia o numero é que prevalece sobre a qualidade, por isso enviou-nos logo uma duzia de mediocres producções poeticas e que não podem ser publicadas.

Orlando Vianna — O seu bello soneto pecca apenas pela exigencia que teve de arranjar uma rima para-lagrima e obteve *cosagre-m'a*, tratando-se, porém de um sujeito no plural da 2ª pessoa do imperativo que dá consagrae-m'a; veja se suppre esta falta.

Mario Claudio da Silva— Não está máo o soneto.

Maria G. R. P.—Porque V. Ex.ª não procura um manual de metrificação afim de evitar os *pés quebrados* dos seus versos?

Magnolia-triste—Recebemos. O seu ultimo trabalho *Devaneio*, dá a entender que Magnolia-triste é o pseudonymo que encobre um collaborador desta revista e nós estavamos na *doce illusão* de que era uma gentil leitora.

Explique-se...

Ciumenta — O soneto *O Monge* dedicado ás suas priminhas Isaura e M. da Gloria, precisa muitos retoques.

Alvaro — Não temos tempo para indireitar os seus versos.

Hugo Macedo — De facto os seus versos têm alguns pequenos defeitos que o Snr. mesmo poderá corrigir.

Eduardo J. Miranda — O soneto *Perjura* não está máo, mas veja se modifica o 2º verso do 1º quarteto.

Euclides Th.—Não é possivel. Estude a grammatica. Que pena, ter tão bella calligraphia e commetter tantos erros!

Instantaneo—Infelizmente, agora não temos tempo para fazer os remendos.

Audaciosa—Muito grande o acrostico e pouco engenhoso.

Antonio G. de Araujo.—Recebemos os retratos que sairão no proximo numero.

Sylveste—Serão publicados alguns postaes. Escreva sempre em tiras de papel de um só lado e com mais cuidado.

Nathalina Martins. — Muito gratos á sua gentileza.

Angela Brandão—Pedimos desculpa a V. Ex.ª. E' possivel que se tenham extraviado, vamos procurar. Sempre ás suas ordens.

Iris de Oliveira—Não pode ser publicado o seu trabalho, que precisa de muitos retoques.

Elzinha — Temos muita pena dos seus soffrimentos, mas estamos certos que a publicação do seu desabafo, *A Paixão*, não trará lenitivo aos seus padecimentos amorosos. Coração a larga e dê o *siute* no ingrato. Os postaes estão bons.

Mimi—O trabalho *Volta, sim?* está aguardando espaço, tenha paciencia...

Cheri — Será publicado o postal e o Alvaro ficará muito contente.

Maud—Com muito prazer, sempre ás ordens.

Marietta—Tenha paciencia, mas não é possivel publicar a sua carta de amor, entre muitas razões, não acreditamos na sinceridade de suas palavras. São arrufos passageiros.

Almerinda Silva — Procure na casa Braz Lauria, rua Gonçalves Dias, 78.

João Silva—Temos muitos retratos e de senhoritas muito bonitas, como em geral, são todas as leitoras do "Jornal das Moças".

Não ha preferencias.

Noemia—Não é motivo para desespero, a nuvem passará e volverão os dias felizes de que V. Ex. guarda recordações tão profundas.

Margarida — Mande outra vez porque se extraviou.

O MEZ DE SETEMBRO

Setembro conserva o nome que se lhe deu no calendario albano porque com effeito era nesse calendario o setimo. Teve no tempo dos imperadores romanos, posto que sempre por poucos annos, diversas denominações, como *Germanico*, *Antonino*, *Hercules*, *Tacito*, os quaes lhe foram dadas por diversos imperadores, que assim se chamavam ou pelo senado que lhe quiz tributar as mesmas honras que se fizeram a Julio Cezar e Augusto.

Não confirmou porém, a posteridade nenhum destes novos nomes e o mez tornou a receber o antigo, ainda que desde a epocha de Numa, fosse não o setimo, mas o nono mez.

Era dedicado a Vulcano e tido em Roma pelo primeiro mez de inverno.

Como este mez era o das vindimas e das ceifas de cevada representavam-o em figura de um homem, vestido de purpura, coroado de cachos de uvas brancas e pretas e tendo em uma das mãos algumas espigas e uma balança a qual alludia ao signo de *Libra* em que entra o sol neste mez.

Os homens nascidos neste mez serão voluveis, dados a aventuras, embora dotados de bom coração e sentimentos honrados.

As mulheres serão desconfiadas e pouco firmes nas suas affeições.

DE TUDO UM POUCO

A guerra

Temos um globozinho que rodopia no vacuo infinito, á roda desse globulo vegetam 1.450 milhões de sêres argumentadores, que nem sabem donde vêm nem para onde vão, não tendo aliás nascido cada um delles sinão para dentro em pouco morrer; e essa pobre humanidade resolveu o problema, não de viver feliz como o sol da natureza, mas de soffrer constantemente pelo corpo e pelo espirito. Nem sabe da sua ignorancia nativa, nem se eleva até aos deleites intellectuaes da arte e da sciencia, e atormenta-se constantemente com ambições chiméricas. Extranha organisação social! Dividiu-se em rebanhos entregues a chefes, e de tempos a tempos vêm-se esses rebanhos atacados duma loucura furiosa, arremessarem uns contra outros, e a hydra infame da guerra faz a sua colheita de victimas, que cahem como as espigas maduras sobre os campos ensanguentados: quarenta milhões de homens são degolados regularmente cada seculo para manter a repartição microscopica do globulosinho em varios formigueiros!...

Quando os homens souberem o que é a terra e conhecerem a modesta situação do seu planeta no infinito; quando apreciarem melhor a grandeza e a belleza da natureza, deixarão de ser por um lado tão loucos, e pelo outro tão credutos: viverão então em paz, no estudo fecundo do Verdadeiro, na contemplação do Bello, na pratica do Bem, no desenvolvimento progressivo da razão, no nobre exercicio das faculdades superiores da intelligencia.

C. Flammarion.

◆◆◆

Leis antigas entre os barbaros

Entre os germanos, o assassino de um monge ou de um serviçal da igreja podia subtrahir-se á vingança canonica contituindo-se escravo dessa mesma igreja.

Entre os lombardos, ao moedeiro falso e ao falsario cortava-se a mão.

A pena de morte era applicada no adulterio, homicidio do marido ou da mulher, bem como nos crimes de estado.

A offerta (suborno) ao magistrado era permittida, contanto que o rei nella tivesse parte.

Entre os bavaros, o que matava um bispo tinha de pagar em ouro o peso de uma capa de asperges de chumbo accommodada á estatua do morto.

◆◆◆

Sangue pelo nariz

Para fazer parar a saida do sangue pelo nariz, dissolve-se um pedaço de pedra hume do tamanho de uma avelã, em uma chicara d'agua, que se aquecerá quanto for preciso.

Aspira-se esta agua e o sangue, deixará de correr no mesmo instante.

◆◆◆

Tratamento da erysipela

Tem causado successo em França, na cura rapida da erysipela, o processo do dr. Benet de Nancy, que consiste no seguinte:

Com um pincel de penna applique em toda a superficie cutanea attingida pelo mal e na pelle sã, uns 2 centimetros em roda, a seguinte solução:

Tintura de iodo, recentemente preparada	30 grammas
Alcool a 90	30 "
Guayacol crystallisado ..	3 "

Em seguida á applicação, cubra a parte com um chumaço de algodão e não molhe. Passe nos dois dias seguintes uma vez por dia. A cura é radical e rapida.

◆◆◆

Contra as queimaduras

A pumada seguinte, formula do Dr. Guibert, acalma instantaneamente a dor e apressa a cicatrisação:

Thiol (ichtyol artificial).	20 grammas
Microcidina	5 decigr.
Antipyrina	5 grammas
Cocaina, chlorhydrato ..	5 decigr.
Stovaina	5 "
Lanolina	120 grammas
Agua de cal	80 "

Misture bem. Para usar duas vezes por dia, sobre as queimaduras.

◆◆◆

As unhas

A palavra unha é empregada em diversos sentidos.

Ninguem ignora a utilidade das unhas que, nos irracionaes, servem de arma de defeza e tambem prestam grande serviço para a sua alimentação.

As unhas têm formas diversas, não só no homem como nos irracionaes.

Conhece-se pelas unhas a qualidade de um individuo, isto é, si descende de uma raça branca ou de outra qualquer.

Ponson du Terrail conta, em um de seus romances, que uma mulher, amada loucamente por um rapaz, mas a quem não correspondia, disse-lhe um dia, quando este lhe implorava de joelhos a seus pés, um pouco de compaixão aos seus soffrimentos: "Olha, as suas unhas estão "de lucto".

O vulgo usa as expressões muito conhecidas : "unhas de fome" para indicar os individuos avarentos; "passar a unha" — roubar; "com unhas e dentes" — com grande esforço, trabalha; "cahir nas unhas de alguem" — cair em poder de uma pessoa qualquer.

A forma das unhas revela-nos os diversos caracteres dos individuos.

Ensina-nos isto alguem que teve o cuidado de fazer experiencias a tal respeito. Diz o seguinte:

"As unhas compridas e afiladas querem dizer — imaginação, poesia, amor ás artes e preguiça; compridas e planas — prudencia, gravidade e reflexão; largas e curtas — colera, genio brusco e espirito de opposição; bem coloridas — virtude, saude, generosidade e esplendidez; duras e iguaes — ira, crueldade, espirito combatido; recurvadas em forma de gancho — hypocrisia, falsidade; brandas — delicadeza de corpo e de espirito; curtas e rosadas proximo do carnal — sensualidade e libertinagem."

Observemos as unhas e façamos uma experiencia, afim de que conheçamos a verdade do que nos diz que escreveu sobre tal assumpto.

Ha mais uma particularidade que os homens dão as unhas com relação ás mulheres.

Dizem elles: "As unhas são a arma das mulheres".

Será exacto?

Não é, não. A arma da mulher é... a lingua.

MARIALVA.

RECEITAS

Figado de vitela á italiana

Corta-se o figado em trinhas muito delgadas. Picam-se muito miudo salsa, cebolinhas, cenouras, agarico, meio dente de alho e meia folha de louro. Ponha-se no fundo da caçaróla camada de figado, temperando-o com sal, pimenta, especiaria, azeite, e uma porção de hervas picadas, alternando as camadas de figado com as do picado até concluir. Cozinha-se tudo a, fogo lento, por uma hora. Retira-se do fogo e si ficar muito caldo, engrossa-se com porvilho de farinha, borrita-se tudo com um pouco de vinagre ou limão. Torna-se a aquentar e serve-se

◆◆◆

Salsichas defumadas

Pique-se a carne de porco que seja fresca e entreverada, isto é, entre magra e gorda, e uma quarta parte de toucinho tambem fresco, sal, tempero, pimenta, herva doce e coriandro, e enchem-se tripas de vitéla, atando-as depois pelas duas. Ponham-se a defumar por trez dias, passados os quaes se cosinharão em agua que as banhe completamente, com sal, salsa, tomilho, louro, alho, cenouras e cebolas. Servem-se frias.

◆◆◆

Salada de perdiz

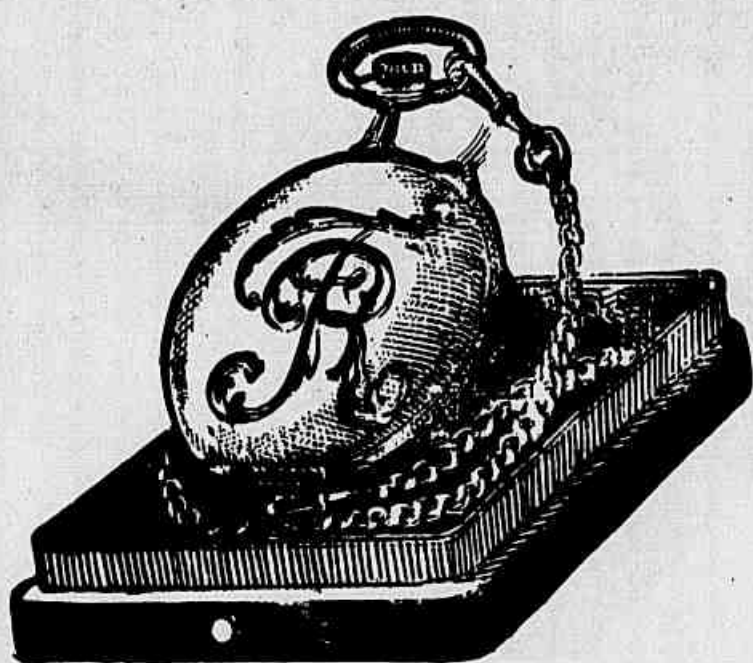
Depois de assada a perdiz, tira-se-lhe toda a carne, que se corta em pequenas fatias. Dispõem-se estas em uma travessa, temperando-as com azeite, vinagre, sal, pimenta e cogumelos picados. A' volta, dispõem-se salada, ovos picados, beterraba cosida e picada, trufas, etc.

◆◆◆

Pudim de Laranja

De todas as formulas de pudim de laranja, esta é a melhor: Faz-se uma calda de 450 grammas de assucar, e estando em ponto de espelho, deixa-se esfriar. Acrescentam-se duas chicaras de sumo de laranja, batidas com 12 gemmas de ovos e duas colheres de farinha de trigo, desfeitas em uma chicara de nata.

Leva-se ao fogo numa caçarola, e, mexendo-se, deixa-se ferver uma vez. Põe-se em fôrma untada de manteiga e acaba-se de cosinhar em forno brando.

1.000 RELOGIOS DE

GRAÇA

CASA CONTINENTAL

Caixa do Correio N. 10 — Rio de Janeiro

DEVIDO ao successo colossal do nosso annuncio anterior, graças ao qual conquistamos centenas de freguezes, ficaram tão satisfeitos com o relogio que ganharam gratis, que hoje são clientes constantes de nossa casa.

Afim de tornar ainda mais conhecido o nosso relogio resolvemos distribuir de graça outros mil desses lindos relogios áquelles que decifrarem o seguinte problema, collocando as lettras que faltam nos pontos marcados com uma cruz, e que comprirem á risca as nossas condições, aliás simples, das quaes lhe informaremos por carta si sua decifração estiver correcta

P†R†U† P†G†R 150$000 P†R UM R†L†G†O DE O†RO

se decifrares este E.ygma podereis obter um relogio absolutamente de graça tão bom e duravel como qualquer relogio de ouro.

Que nossos relogios são apreciados o provam exuberantemente os innumeros attestados que recebemos expontaneamente todos os dias.

Não custa nada experimentar. Na resposta deveis indicar vosso nome e endereço bem claramente.

"INSTITUTO LUDOVIG"

Tratamento e Embellezamento da cutis

A'S SENHORAS

Para possuir uma linda Cutis, e uma boa Cabelleira, nada mais tem V.V. E.E. que fazer senão uzar os celebres preparados

DE

M.me LUDOVIG

Os unicos, os melhores, mais garantidos e de maior successo no tratamento da **Pelle** e **Cabello**

Responde-se a todas as consultas e remette-se todos os detalhes sobre o tratamento da belleza.

Avenida Rio Branco 181—RIO DE JANEIRO

Rua Direita 55-B.—SÃO PAULO

CASA ROSSI

Matriz Ouvidor, 150—Telephone 1156 Norte

CALÇADOS FINOS E SOB MEDIDA

TELEPHONE 4165 CENTRAL

50, URUGUAYANA, 50

RIO DE JANEIRO

MAISON FLEURIE

Fabrica de Fôrmas para Chapéos de Senhoras, Senhoritas e Meninas

Confeccionam-se chapéos pelos ultimos figurinos

CONCERTAM-SE, LAVAM-SE E TINGEM-SE FORMAS, PLUMAS E BOAS

172, RUA 7 DE SETEMBRO, 172

RIO DE JANEIRO

USINA SÃO GONÇALO

Fabrica de doces e vinhos licores, e vinagres de fructas, nacionaes, xaropes, aperitivos, vermouths, bebidas gazosas e espumantes - - - -
A' venda em todas as casas de fructas, de bebidas e armazens e no Deposito Geral á - - - - - -

Rua de S. José, 57

Telephone 4475-Central

RIO DE JANEIRO

G. SEABRA

A BELLEZA...

só se adquire fazendo uso dos deliciosos doces, fructas crystallisadas e em compóta, doces em geleias, marmelada, goiabada, bananada e pecegada

DA USINA SÃO GONÇALO

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 2 A 14